

MUNDO GRÁFICO

58
DEPÓSITO LEGAL
MAR 1948



São elas
os bons dias
de Lisboa
com os seus
pregões
onde o mar canta
enamorado
das suas gargantas
de ouro

ASSIM VIVEM AS CRIANÇAS INGLÊSAS

por SIDNEY HORNIBLOW

ESTA é a história de Mary Briton, uma rapariga inglesa mãe de dois filhos: Margaret, de 4 anos, e John, que deu, agora, os primeiros passos. Há na Gran-Bretanha milhares de famílias como a família Briton. O marido de Mary é piloto na Royal Air Force. Mary trabalha numa fábrica de material de guerra situada a alguns quilómetros da sua casa. Era, por isso necessário, alguém que tratasse de Margaret e de John enquanto ela trabalhava na fábrica.

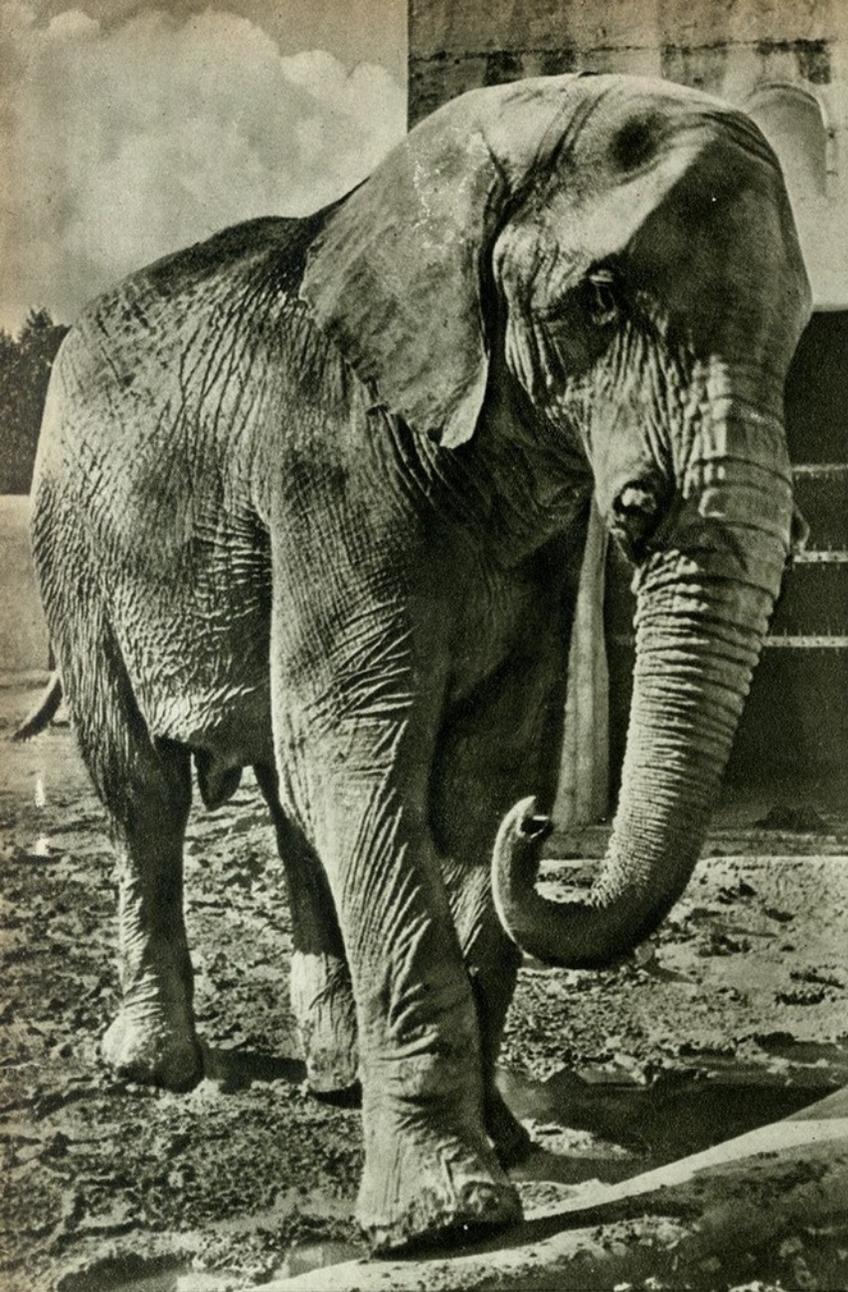
Todas as mães, principalmente aquelas cujos maridos estão mobilizados, pensam nos filhos. E, desde que não possam confiá-los a parente ou pessoa amiga, já elas não poderão, também, colaborar inteiramente no esforço de guerra da sua pátria. Houve por isso muitas mulheres que, apesar do seu desejo de trabalhar na indústria de guerra, não podiam fazê-lo, por não terem a quem confiar os filhos. O Governo britânico, atendendo o facto, estudou convenientemente o problema e resolveu-o mandando instalar, próximo dos grandes centros industriais, creches com pessoal competente para cuidar das crianças. A criação das creches, chamadas de tempo de guerra, continua ainda em toda a Gran-Bretanha e toma o aspecto de obra social das mais grandiosas que se realizaram após o início das hostilidades. Estão já a funcionar mais de mil e o seu número cresce constantemente de dia para dia.

Independentemente das creches, as escolas maternais desenvolvem-se em grande escala. No começo de 1942, havia 1.670 com uma frequência de 48.000 crianças.

A Rainha Isabel interessa-se particularmente por estas instituições. Visitando uma, em Windsor, a Rainha observou a obra extraordinária que estava ali a realizar-se, pelo bem-estar das crianças de dois a cinco anos, filhas de operárias das fábricas de munições. Sua Magestade disse a propósito: «Sei que uma mulher pode realizar o dobro do trabalho se tiver a certeza de que os seus filhos são convenientemente tratados». A Rainha, dias depois, mandava à creche de Windsor numerosos livros recreativos, brinquedos e jogos, em nome das princesas, suas filhas.

Mas começámos este artigo falando de Mary

(Continua na página 29)



O ELEFANTE DO JARDIM ZOLÓGICO

HERPETOL

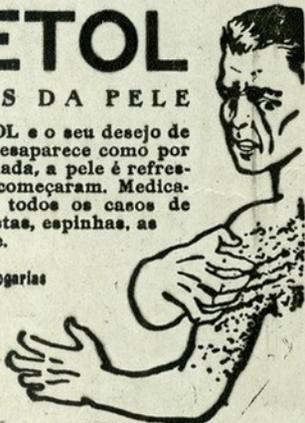
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drograrias

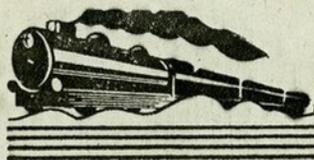
Vicente Ribeiro & Carvalho
de Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



Seja prático e económico

VIAJE NA
C. P.



Informações — em todas as estações da C. P.
— em Lisboa — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031
— no Porto — na estação de S. Bento — Telef. 1722

REFLEXOS DO MUNDO



O sorriso da mulher inglesa. Ela está em tôda a parte, trebolhando na defesa da pátria

O «Richelieu»

O grande couraçado francês «Richelieu», ainda combatido, atravessou o Atlântico para ser reparado na América.

O magnífico gigante dos mares, que é o orgulho da construção naval francesa, sofreu rudemente em Dacar a amargura e melancolia da grande tragédia do seu país. O seu arcaboço, construído para lutar com titãs seus iguais, contemplava com melancolia os mares revoltos, onde se feriam combates em que ele devia entrar.

O «Richelieu», reentrando na luta, vai tomar a parte que lhe compete na libertação da França. O seu comandante declarou que após as reparações, ficará sendo um dos dez melhores couraçados do mundo. E acrescentou:

— Tôda a tripulação sentir-se-á orgulhosa e feliz em combater contra o inimigo.

Na sua sobriedade estas palavras são eloqüentes. A França do Marne revive!

Vertigem americana

No dia 15 de Fevereiro, num porto da costa do Atlântico, os Estados Unidos lançaram à água o 1.000º navio mercante desde 7 de Dezembro de 1941.

Em 14 meses, mil navios saíram dos estaleiros, aumentando

assim o poder das Nações Unidas, através de todos os mares do globo e levando a tôda a parte soldados e munições.

Houve quem considerasse mirabolantes os planos americanos de construção naval. Os estaleiros que surgiram por tôda a parte, na grande República, ultrapassaram tôdas as esperanças. Há cada vez mais navios. As centenas converteram-se em milhares. Em 1943 a América lançará ao mar mais de 20 milhões de toneladas. Este número diz tudo!

O rei Alberto

Passou há pouco — no dia 17 de Fevereiro — o aniversário da morte do Rei Alberto da Bélgica, esfacelado nos rochedos de Marches-les-Dames.

Nessa data todos os belgas evocaram a figura rutilante do Rei-Soldado que, há 29 anos, à frente dos seus soldados se recusou a ceder às intimidades dos invasores.

A emissora oficial do governo Belga evocou estas palavras tam actuais do grande Rei: — «Nas nossas cidades, nos nossos campos, um único sentimento anima os corações — o patriotismo. Uma única visão ex-rime a Pátria — a nossa independência comprometida. Um único dever se impõe às nossas vontades — a resistência tenaz e indomável».

Nova deputada

Realizou-se, em Bristol, uma eleição suplementar para a Câmara dos Comuns. Foi eleita a candidata do governo Lady Apsley.

A nova deputada é viúva do tenente-coronel Lord Apsley que tinha assento no Parlamento. O marido morreu em serviço activo no Médio Oriente, o que influiu de certo no resultado do sufrágio, que assim se converteu numa homenagem à sua memória.

A senhora, que vai substituir seu marido no Parlamento, fez tôda a campanha eleitoral de carro, por não poder fazê-lo a pé. Explicou que isso era devido a um desastre que sofrera na caça, em 1930, que a estropiara para tôda a vida. Nada, porém, a impedirá de servir a pá-



tria na magna assembleia, que é um dos focos mais belos do civismo inglês.



Lord Montbatten e sua esposa, depois de regressor de Casablanca, onde foi com Churchill, na sua qualidade de chefe das forças combinadas de invasão

4.440 milhões de escudos

A América foi sempre o país que melhor nos pode dar uma ideia da grandeza dos números. Desde que entrou na guerra, então, essa grandeza tem sido incessantemente superada. O «élan» do Novo Mundo para a vitória deixa-nos assombrados.

A Tesouraria americana anunciou agora a média diária dos gastos de guerra em Janeiro passado. Os Estados Unidos consomem por dia 220 milhões de dólares, ou seja mais 185% do que em igual mês de 1942, quando havia apenas semanas que estavam em guerra.

222 milhões de dólares são

A R. A. F. ATACA SEMPRE

Um raid devastador sôbre uma cidade do Mediterraneo. Milhares de bombas caem destruindo um porto vital do inimigo. As fábricas ardem, os navios são destruídos, e os pilotos ingleses regressam, orgulhosamente, sem terem perdido um único avião

4.440 milhões de escudos gastos numas escassas vinte e quatro horas. É a contribuição total dum povo que, resolutamente, entrou na luta até à vitória.

O faroleiro perdido

O faroleiro Walter Coupe esteve 115 dias isolado, no alto da sua torre luminosa, como aqueles velhos estelitas do deserto que faziam das colunas os seus instrumentos de suplício.

No farol de Black Bock, a mais de 20 quilômetros ao largo da costa irlandesa. Walter Coupe passou como que uma vida, ansioso de que os elementos, abrandando, o deixassem receber socorros. Foi para lá na altura em que Montgomery lançou a sua ofensiva no Egipto.

Mostra-se satisfeito, apesar das agruras que sofreu, porque esse dia foi, afinal, o primeiro da mais gloriosa campanha colonial da Gran-Bretanha.

A China heróica

A esposa do general Chang-Kai-Chek encontra-se agora na América, onde foi educada. Em Washington foi recebida como um Chefe de Estado.

É a mensageira de seu marido junto do grande povo americano, empenhado na mesma luta que abraça a China.

No Congresso de Washington onde se fizeram já ouvir as vozes e Churchill, da Rainha Guilhermina, do Presidente Getulio Vargas e do Rei Jorge da Grécia, ecoou agora a da senhora Chang-Kai-Chek, exaltando o heroísmo do povo chinês, que, há seis anos, luta contra o invasor, opondo uma barreira de aço aos seus desígnios.



A defesa contra o frio dos mineiros ingleses. São estes homens que através dos mares glaciais, têm conduzido até Múrmansk centenas de combóios carregados de material de guerra



...aqui
AMERICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

| Horas | Estações | Ondas curtas | |
|-------|----------|--------------|--------------|
| 5,15 | WEBX | 31,1 m. | 9,650 kc/s. |
| 7,45 | WRUW | 49,6 m. | 6,040 kc/s. |
| 9,45 | WBOS | 48,8 m. | 6,140 kc/s. |
| 11,45 | WBOS | 25,3 m. | 11,870 kc/s. |
| 15,45 | WBOS | 19,7 m. | 15,210 kc/s. |
| 15,45 | WGEA | 25,3 m. | 11,847 kc/s. |
| 17,45 | WGEA | 25,3 m. | 11,847 kc/s. |
| 19,45 | WGEO | 31,5 m. | 9,530 kc/s. |
| 20,45 | WGEO | 31,5 m. | 9,530 kc/s. |
| 23,15 | WDJ | 39,7 m. | 7,565 kc/s. |

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

A VOZ DA CHINA

Ao fim de cerca de seis anos de combates incessantes, a China nacional e heróica manteve-se de pé, firme e corajosa, na luta contra o invasor do seu território.

Três factos ocorridos, recente e quasi simultaneamente, acabam de chamar de novo as atenções gerais para o que se passa no Extremo Oriente. É preciso não esquecer que, qualquer que seja o desenlace da luta na Europa e qualquer que seja o prazo de tempo que esse desenlace leve a produzir-se, a Gran-Bretanha e os Estados Unidos assumiram na histórica reunião de Casablanca o compromisso público e solene de continuarem, com todas as suas forças, a luta em comum contra o Japão. As vitórias recentes dos norte americanos nas Salomão e na Nova Guiné, e a visita da sr.^a Chang-Kai-Chek aos Estados Unidos constituem acontecimentos que merecem, nesta altura da conflagração em que

o mundo se envolveu, um resumo especial.

A esposa do marechal chinês tem sido a mais valiosa e a mais dedicada colaboradora de seu marido. A causa da independência nacional deu-lhe serviços inestimáveis e o seu nome ficará justamente celebrado como o de uma das mais vigorosas e inteligentes personalidades do nosso tempo. A sua acção tem-se alargado aos hospitais, onde vela pelos seus compatriotas que sofrem, aos campos de batalha, onde dedicadamente tem acompanhado a vida dos soldados da China. O mundo conhece a sua figura simpática e insinuante, que adquiriu um prestígio excepcional não apenas no seu país mas na Europa e principalmente nos Estados Unidos. A sr.^a Chang-Kai-Chek conhece muito bem a grande república norte-americana onde passou a melhor parte da sua mocidade e onde foi educada.

O discurso que a sr.^a Chang-

Kai-Chek proferiu no Congresso dos Estados Unidos é um documento impressionante de sinceridade e de verdade. Sob o ponto de vista político, deve registrar-se que, pela primeira vez na história das instituições americanas, aquele alto corpo legislativo recebeu, numa sessão inteiramente dedicada em sua honra, uma senhora. A honra assim conferida aparece ainda realçada pelo facto de essa senhora ser uma estrangeira. A sr.^a Chang-Kai-Chek chamou a atenção dos seus auditores para a importância da resistência chinesa no conjunto da estratégia dos Aliados Mas a parte mais impressionante da alocução que a sr.^a Chang-Kai-Chek proferiu foi a que envolveu um apêlo comovido ao povo e aos dirigentes dos Estados Unidos para que auxiliem a China na luta histórica que vem travando pela sua independência que é, fundamentalmente, a causa da independência de todos os povos.

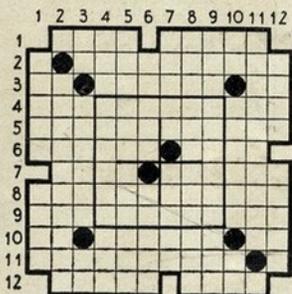
A impressão produzida por esse discurso foi enorme e teve repercussões não apenas nos meios políticos de Washington mas em todas as camadas da população norte-americana que como a população da Gran Bretanha, segue comovidamente, a resistência heróica da China.

PORQUE USO o novo pó de Arroz Tokalon



Pela PRINCESA ALLA TROUBETSKOY

- ★ É fabricado numa variedade tão bonita de cores modernas e que embellezam.
- ★ É o mais leve e o mais fino de todos que conheço.
- ★ Adoro o seu perfume delicioso de flores naturais.
- ★ Verifico que dura um dia inteiro. Mais nenhum pó de arroz tem este segredo da espuma de crêmes.
- ★ Conserva a pele fresca e encantadora, a pesar-do vento e da chuva.
- ★ Tenho a certeza de que não compraria outro melhor, por qualquer preço.



PROBLEMA N.º 58 HORIZONTAIS

- 1 - Bosque - Cajados.
- 2 - São indígenas de.
- 3 - Nome que os espíritos dão ao Sol - Árabs - Medida de velocidade do navio, expressa em milhas por hora.
- 4 - Acima! - País do SW. da Ásia, entre o Mar Cáspio e o Turquestão, onde se têm desenrolado no presente conflito acções de grande importância militar e estratégica - Cinza com laçada.
- 5 - Nome de dois rios (o Grande e o Pequeno) da Ásia Menor, afluentes do Tigre, com cerca de 450 km. cada um - Estime - Preposição e artigo (pl.) - Escarnecer.
- 6 - Apêndice membranoso de alguns insectos e peixes - Nome de uma letra grega, correspondente ao T latino - Nota musical - Prefixo de negação.
- 7 - Símbolo químico do cádmio - Pronome pessoal - Exactamente o mesmo - Espaço de tempo.
- 8 - Uma das peças do jogo de xadrez - Remoio de água - Nome de uma letra grega correspondente ao E latino - Interjeição.
- 9 - Única - APELIDO DO GENERAL QUE É O ACTUAL RESIDENTE FRANCES EM MARROCOS - Substância resultante da combinação de um ácido com uma base.
- 10 - Pronome neutro da 3.^a pessoa do singular (fem.) - Espécie de capa, de cauda e rodio, usada especialmente por pessoas reais ou dignitárias (pl.) - Catedral.

- 11 - Corpos simples não metálicos, cujos compostos oxigenados são óxidos neutros ou óxidos ácidos.
- 12 - Habitas - Nome grego do deus do Amor.

VERTICAIS

- 1 - Acasala raças diferentes - Mau.
- 2 - Traçam a pasto.
- 3 - Nome de uma antiga tribo árabe que Deus exterminou por causa da sua persistência na idolatria - Igreja ou mosteiro regida por abades - Borco.
- 4 - Contém - APELIDO DO COMANDANTE DO EXÉRCITO AMERICANO QUE OPERA EM MARROCOS - Oceano.
- 5 - Ensejo - Género de aves corredoras australianas que atingem dois metros de altura - Grito - Fileira.
- 6 - Mulo - Acusado - Símbolo químico da prata - Pronome pessoal.
- 7 - Enxergar - Sadia - Pronome possessivo - Planta liliácea originária da China.
- 8 - Anel - Uma das Ciclades, entre Naxos e Santorim - Preposição que indica termo no tempo, no espaço ou nas acções - Composição poética destinada a ser cantada.
- 9 - Raso - Abrigas - Ente.
- 10 - Antes de Cristo - Quintas para cultura agrícola em Angola - Desacompanhado.
- 11 - Soldados que estão de guarda.
- 12 - Importunar - Estampilhei.



Solução do problema n.º 57

O avanço do 8.º Exército na Tunísia



Os valorosos soldados do general Montgomery avançam, na Tunísia, sobre a Linha Mareth, perseguindo as tropas de Ronnel, em retirada



ANDREW CUNNINGHAM *

Sir Andrew nasceu em 1883 contando portanto, actualmente, sessenta anos. Entrou para o serviço da Armada muito novo, em 1897. Distinguiu-se desde o início da sua carreira, e a conflagração de 1914-1918 veio encontrá-lo na plena posse das suas excepcionais aptidões profissionais. Distinguiu-se no desempenho de várias missões de responsabilidade em que foram postas à prova, ao mesmo tempo, as suas qualidades de oficial e a sua bravura de marinheiro.

Percorreu com distinção marcada os vários postos da carreira que escolheu até que, em 1932, foi promovido a contra-almirante. Assumiu então o comando de uma esquadilha de contra torpedeiros no Mediterrâneo, funções em que se conservou durante algum tempo. Quatro anos depois, em 1936, era promovido a vice-almirante passando a comandar durante dois anos (1887 e 1938) cruzadores de batalha.

Depois de iniciado o actual conflito foi-lhe confiada uma das missões mais graves e arriscadas: comandar a esquadra do Mediterrâneo, num período particularmente difícil. As vitórias britânicas em África, muito ficaram devendo à sua competência.

O vencedor de Taranto e do Cabo Matapan, cujo nome ficará a ilustrar algumas das páginas mais brilhantes da história do seu país, voltou a assumir o comando efectivo da esquadra do Mediterrâneo depois de, durante alguns meses, ter servido como oficial de ligação entre os Almirantados inglês e americano, durante a qual se preparou a expedição vitoriosa ao Norte de África.

A sua acção continua a ser dum importância decisiva para a marcha das operações.

CRÓNICA INTERNACIONAL

As palavras e os factos

GOEBBELS proferiu no palácio dos desportos, em Berlim, um discurso que teve em todo o mundo a mais legítima repercussão.

É inegável que essa oração é a mais sensacional pronunciada até hoje pelo ministro da propaganda. Nem sequer lhe falta a sanção oficial que deriva não apenas do seu alto cargo, mas até das relações estreitas que mantém com Hitler. Não ocultou Goebbels o seu pessimismo. As suas reações perante a ofensiva russa são claras. 'O que se passou em Estalinegrado, a destruição do 6.º exército, deve ter, profundamente, impressionado a opinião pública alemã' — e os jornais suíços revelaram-no com pormenores — para que o arauto do III Reich se tenha visto na necessidade de adoptar uma linguagem tão expressiva.

Goebbels considera este inverno russo tão rigoroso como o do ano passado, mas as suas conseqüências são ainda peores.

Para lá do auditório, bem longe, a milhares de quilómetros de Berlim, através de extensas linhas de comunicação, sistematicamente cortadas a «alicate», digamos assim, está uma frente em evolução, que não encontrou ainda uma linha de resistência. Goebbels reeditou as palavras de Hitler, embora com expressão própria, quando afirmou que o Reich se lançara na guerra, desconhecendo o potencial do inimigo.

Outro tanto, certamente, não sucedeu quando a Polónia, a Holanda, a Bélgica, a Noruega, a França, a Checoslováquia e os Balkans foram invadidos.

Deixou entrever que os elementos fundamentais de campanha na Rússia, serão estudados num relatório. Não se referiu, porém, às opiniões do estado maior alemão, o que seria interessante, embora talvez prematuras, para a história da campanha, mas falou da escassez do potencial humano; o que tem um significado profundo e dos tanks que rolavam na bacia do Donetz. Goebbels como que dirigiu um supremo apelo à nação. Anunciou-lhe o começo da guerra total e a promulgação de duras medidas que atingirão todas as classes. Trata-se da mobilização dos operários, substituindo-os nas fábricas e arsenais por mulheres, o que, até certo ponto, constitui um problema de solução demorada, em virtude do período de aprendizagem, mais ou menos longo, a que têm de ser sujeitas.

Goebbels, nas suas dramáticas explicações, referiu-se largamente à Europa — ocupada pelo exército alemão.

Evidentemente que as Nações Unidas são hoje um bloco contra o qual esbarram todas as tentativas de divisões.

Em Casablanca, Roosevelt foi bem terminante: «conferência da rendição incondicional. Acrescentando, depois, já nos Estados Unidos: «as nossas tropas não-de passar nas ruas de Berlim, Roma e Tóquio».

Goebbels terminou o seu discurso, com esta frase: «Vai desencadear-se a tempestade, todos de pé».

Isto significa que os dirigentes alemães aguardam como certa a poderosa ofensiva aérea que as Nações Unidas vão desenvolver sobre o seu país.

Os últimos raids a Lorient, a Colónia, e a Wilhelmshaven, Milão e Bremen têm sido terrivelmente, devastadores. Sob essa esmagadora concentração de fogo está talvez o segredo do que vai passar-se este ano.

A invasão já começou — a invasão do espaço aéreo nazi, que condicionará, no momento oportuno, a entrada das forças das Nações Unidas, no teatro terrestre europeu.

O OBSERVADOR

Europa

Fala-se agora muito na Europa, mas não é a sua voz que nós escutamos. E como a podíamos ouvir, se a quasi totalidade das nações que a constituem, tão gloriosas no seu património civilizador, na sua diferenciação racial, e com fronteiras linguísticas, perfeitamente demarcadas, não o podem fazer, submetidas ao duro peso da invasão? Não a aceitaram, nem a aceitaram, como países livres que lutam, com heroísmo, pela sua independência. As suas bandeiras flutuam orgulhosamente em Londres. Estão ali reis, rainhas, chefes de estado, governos, autoridades responsáveis a quem incumbe pelo direito de tradição histórica, ou de sufrágio, falar em nome dos povos oprimidos. Esperam todos a hora da ressurreição que só dali pode sair. E' preciso não esquecer que a Inglaterra, e todas as outras Nações Unidas, batem-se, precisamente contra os que invadiram o velho continente, desencadeando a guerra mais trágica de todos os tempos.

A luta na Tunísia

O desfecho da luta na Tunísia não oferece quaisquer dúvidas. O avanço do 8.º exército britânico, que está já em contacto com a linha Mareth, constitue uma grave ameaça, a ponta da espada que vai ferir de morte o inimigo. Para as tropas das Nações Unidas a luta representa uma manobra de envolvimento, retardada até aqui pelo mau tempo. No entanto, a aviação inglesa e americana iniciou já os seus bombardeamentos sobre a Itália. Todos os seus portos meridionais estão sujeitos ao fogo dos bombardeiros que quasi, diariamente, atacam Nápoles, e os aeródromos da Sicília. No mar, o almirante Cunningham torna inútil a acção da esquadra italiana e vai afundando sistematicamente os navios mercantes que, furtivamente, cruzam entre a península e o norte de África.

O ataque às bases

Os ataques concentrados da R. A. F. às bases navais alemãs têm reduzido enormemente, a guerra submarina. Já não é, apenas, o Mediterrâneo que está livre, e no qual a gloriosa Royal Navy actua à vontade, é também o Atlântico e até o Artico.

Ainda há poucos dias, o «Richelieu» cruzou os mares sem ser incomodado, e para o Artico continuam a seguir «combóios» de munições chegando aos portos da África do Norte, tudo quanto para ali enviam as Nações Unidas.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**

Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



As forças invencíveis dos Estados Unidos. Os famosos "rangers", que derrotaram, no Pacífico, as tropas japonesas, infligindo-lhe a maior derrota da sua história



As legiões americanas desembarcando em África. Trazem com elas o orgulho de uma grande nação e a certeza do triunfo

A GRANDE VITÓRIA DE GUADALCANAL

O dia 8 de Fevereiro ficará como uma data capital na história desta guerra. Foi nesse dia que o coronel Knox, secretário de Estado da Marinha nos Estados Unidos, anunciou ao mundo que também no Pacífico a corrente das vitórias mudara de sentido. O anúncio revestiu-se de uma forma sóbria, mas nem por isso inenunciável. Os japoneses abandonaram Guadalcanal e, segundo todas as probabilidades, preparavam-se para abandonar a totalidade do arquipélago de Salomão.

Os comunicados oficiais e insuspeitos de Tóquio não tardaram a confirmar a excelente notícia acrescentando-a mesmo com pormenores novos. Além de Guadalcanal os japoneses abandonaram a testa da ponte que haviam construído em Buna (Nova Guiné) e anunciaram que as tropas que se encontravam naquelas posições, tendo cumprido a sua missão, haviam sido destinadas para novos serviços. O coronel Knox comentou as revelações nipónicas dizendo que todos eles se encontravam cercados ou cortados das suas bases de abastecimento e que os poucos oficiais e soldados japoneses que ainda se encontravam em Guadalcanal e em



Os destemidos soldados australianos que ao lado dos seus camaradas americanos, numa guerra infernal, no meio da selva, expulsaram os japoneses de Guadalcanal



Para a aviação "yankee, não há dificuldades. Com duas passareiras de tábuas, os aviadores americanos improvisaram um aeródromo numa praia da Nova Guiné



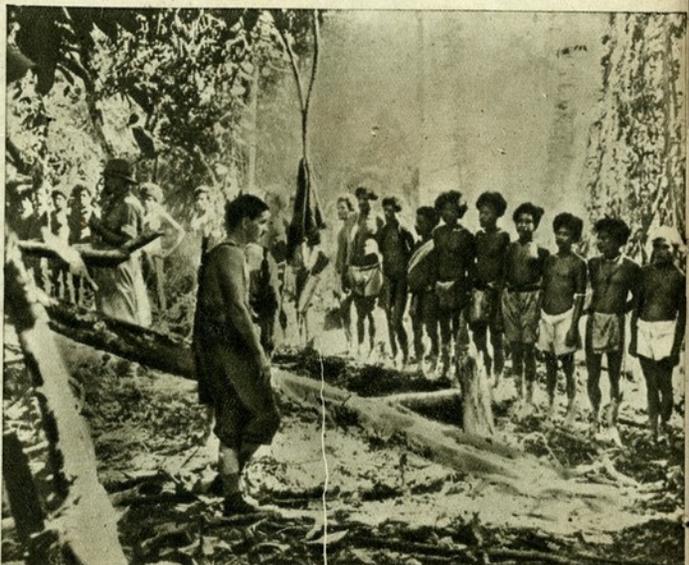
Em sucessivas batalhas, a esquadra nipônica tem sido derrotada, como morreu um grande navio mercante inimigo, carregado de tropas

Buna estavam condenados à rendição incondicional.

A verdade é que o chamado exército japonês de Papuásia, encarregado de conquistar aquela zona, o qual era inicialmente constituído por cerca de 15 mil homens, depois constantemente reforçados à custa de pesadas perdas, havia sido completamente derrotado pelas forças americanas e australianas do Pacífico, comandadas pelo general Mac Arthur. Poucos foram os sobreviventes e os números revelados a esse respeito em Washington não deixam margem para quaisquer dúvidas a esse respeito.

Os observadores militares mais insuspeitos reconhecem que os japoneses tiveram em Guadalcanal a sua segunda derrota espectacular, tendo-se a primeira registado na Nova Guiné. Os americanos desembarcaram em Guadalcanal na madrugada de 7 de Agosto do ano passado e ali se mantiveram valentemente durante seis meses, acabando por expulsar completamente o inimigo da ilha. A acção dos primeiros navios ficará como uma das páginas mais brilhantes da intervenção americana no actual conflito. A superioridade numérica do adversário e as con-

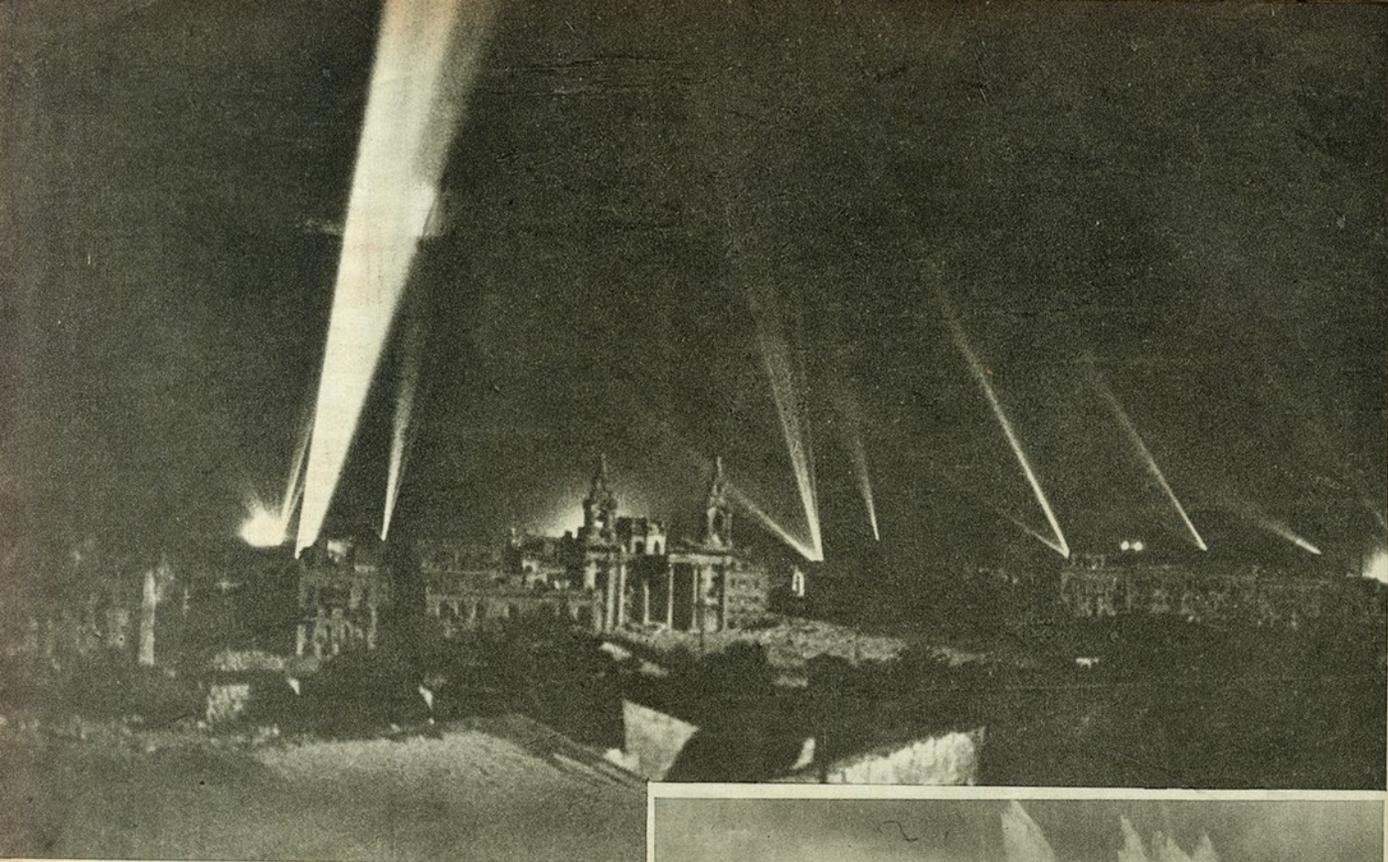
(Continua na pág. 29)



Os indígenas da Nova Guiné ajudaram com entusiasmo as operações militares dos americanos. Estes trabalham no transporte de mercadorias



A RAINHA GUILHERMINA DA HOLANDA,
país que tão valorosamente tem
combatido pela sua independen-
cia ao lado das Nações Unidas



A ilha de Malta, baluarte invencível do Império Britânico, no Mediterrâneo, tem repellido tódas as tentativas aéreas do inimigo, infligindo-lhes pesadas perdas. O valoroso bastião, durante um alerta nocturno, em que mais uma vez as forças da aviação do eixo foram dizimadas

A EPOPEIA MALTA DE MALTA



Outro aspecto de Malta. Os focos varrem o céu, descobrindo os aviões que a artilharia anti-aérea alveja com precisão. Deve dizer-se que o inimigo, em virtude das numerosas baixas, desistiu do ataque e agora partem dali muitos aparelhos que bombardeiam o sul da Itália. *A direita:* Este vulcão de água representa o afundamento de um dos muitos submarinos alemães que têm sido destruídos Atlântico pela Royal Navy



A FRANÇA NA GUERRA



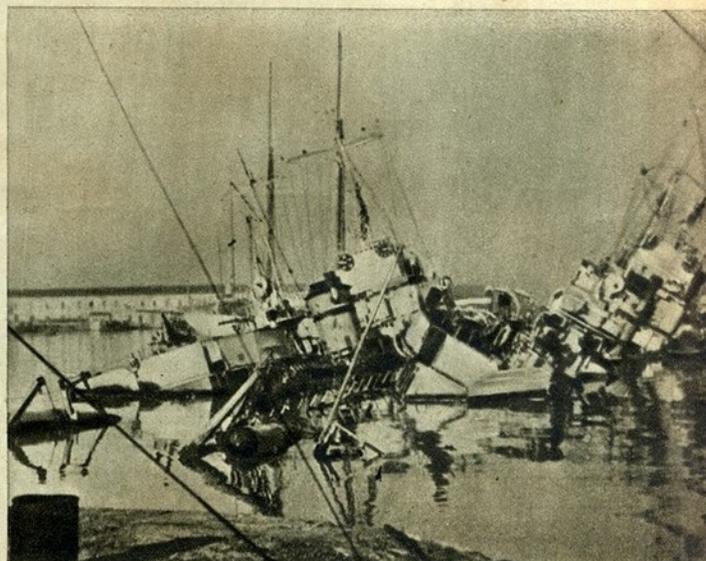
A destruição da esquadra francesa em Toulon, pelos seus bravos marinheiros, para não cair nas mãos do inimigo, que ocupa a sua pátria. O cruzador "Foch", ferido de morte



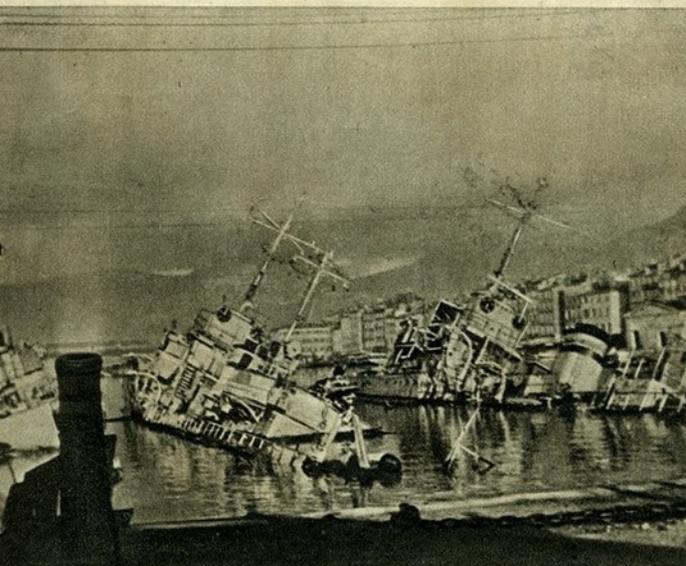
Canhões desmantelados. Máquinas rebentadas. Eis outra grande unidade da esquadra francesa fulminada



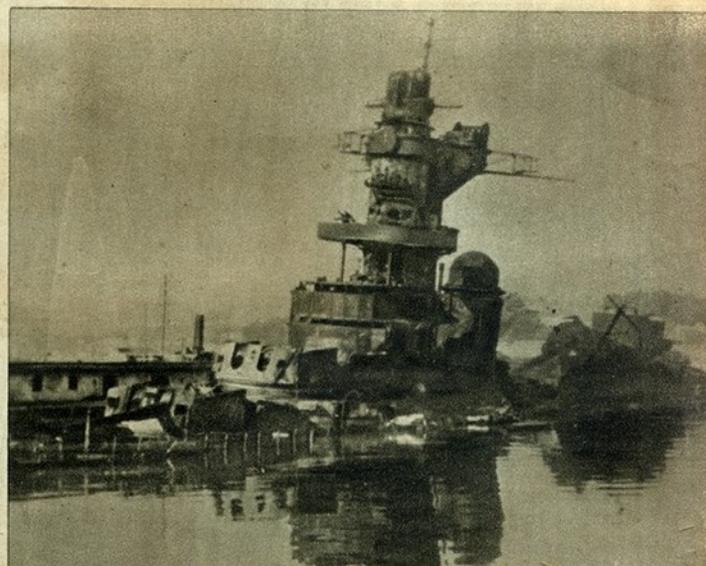
Esta imensa massa de ferro e de aço adornada, que parece um cetáceo dado à costa, é o que se vê do cruzador "Algérie". A morte trespassou-o



O fim do "Curieuse", à direita, e do "Impetuense", à esquerda, que parece terem chocado violentemente



Uma montanha de destroços. São torpedeiros e caça-minas cuja recuperação é impossível



O cruzador de batalha "Dunkerque" que também foi destruído. Ei-lo com o convés submerso nas águas de Toulon



Nestes pequenos barcos cabe muitas vezes um lar. São chamados sabelros cuja proa esgula e recurva lembra o galbo das embarcações fenícias



A escolha do camarão. O mais graúdo é vendido por bom preço

NEM sempre há tristezas à beira-mar... nem sempre...

Podem observar-se junto à orla do Tejo — que é um rio que parece mar — alegrias e esperanças e ansiedades de quem se debruça sobre as águas e delas espera o negro pão, por vezes, bem difícil de conseguir.

Mas é assim a vida dos que mourejam: — raro ausente de canseiras e desilusões.

Ah! mas quando o trabalho chega, quando se anuncia a proximidade da fartura, aquela gente tianado pelo ar iodado e de olhos mortícios de tanto olharem horizontes distantes, logo as fugidas sombras de tristeza se transformam em realidade feliz.

É por isso que as almas se parecem com os dias instantes de Março. Agora, uma sombra triste é prenúncio de coisa má; mas logo fimbria

GENTE DO MAR



Os barcos dormem ao sol, enquanto o pescador concerta as redes morenas



Um trecho animado do calç. As varinas aguardam a chegada do peixe



Saudades da Murtoza e rendas de noivado

de sol a torna clara, e dela fulge uma esperança.

Entre os que trabalham e vivem à mercê dos caprichos do mar, e aqueles para os quais a existência é geomêtricamente certa e monótona como o tic-tac, de um relógio, deve existir um abismo intransponível.

Se o buque não chega, se o camarão, arredio, se afasta da beira da muralha, que será daquela pobre gente que põe as suas esperanças no mar—esperanças que são versáteis como o sentimento da cantiga que o próprio mar inspirou?

Sempre que o indivíduo espera alguma coisa de sofrível, e até de bom, pode surgir a animar-lhe as forças suspensas na dúvida de esperar.

Por isso, o prometido chega, é inevitável.



Tipo característico do pescador do rio, que podia dar um actor de cinema

Vão aportando os buques que, após dias e dias de labuta, andavam na lida árdua da pesca.

Então é tumultuar de risos, de cantos, um «bruhah» constante de vozes que parecem mais cristalinas à chegada do peixe que os barcos repletos descarregam nos cais como se fôsse d'altiva dos céus.

E tem beleza e vida o contínuo vai-vém humano e as cantigas das raparigas, e as vozes fortes dos pescadores e dos pelxeiros.

Enquanto aquele frêmito enérgico se agita sobre a massa ondulante da gente do mar e da que dêle vive, todos caminham como se ali próximo existisse a terra da promessa, todos obtiveram o seu justo quinhão. Decorrem horas, e a faixa do rio despovoa-se.

Agora, todos vão à sua vida, calcurreando a cidade em busca da almejada e justa compensação.

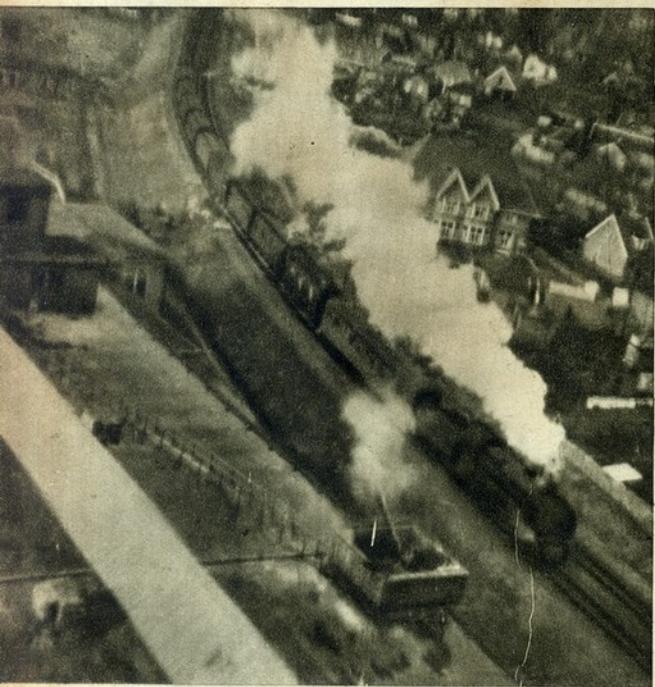
Mas, no dia seguinte, os mesmos rostos tian-dos, as mesmas almas ansiosas, as mesmas esperanças a florirem nos olhos dos homens do mar e do rio, gente do cais e da Ribeira; mulheres de rosto corticado pela luta que os sulcou; cachopas esbeltas da Madragôa, todos ali se encontrarão no dia seguinte aguardando a chegada dos buques cheinhos de pescaria.

Depois a conseira de sempre: a correria pela cidade a apregoar o peixe que elas anunciam na alegria dos seus festivos pregões—certas, as vendadeiras, de que ao fim de um dia de trabalho lhes permitirá levar para os seus a merecida cõdea de pão.

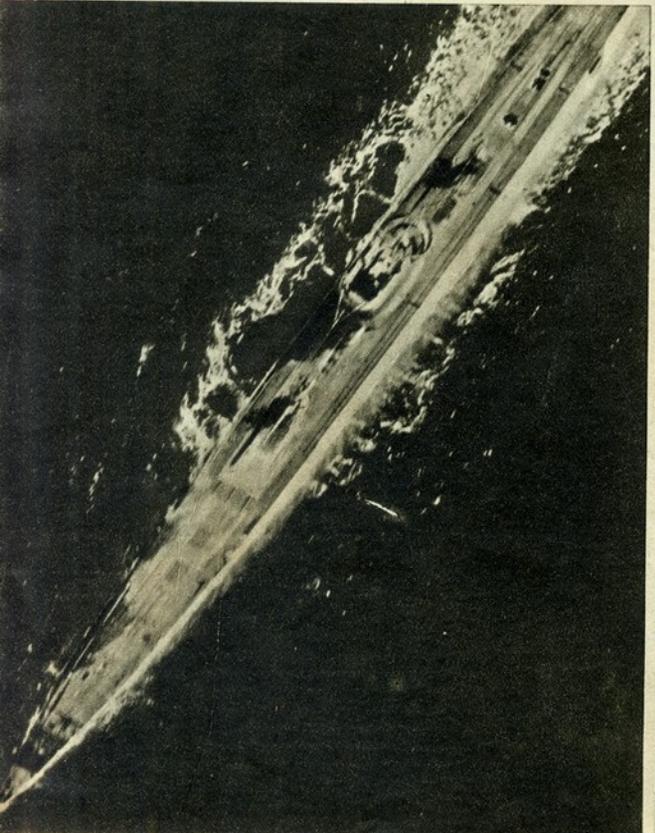


O gato, frequentador assíduo do cais. — Sape gato! não vás roubar uma sardinha

IMAGENS DA GUERRA



Rasando o solo como se prova nesta admirável fotografia, os "Mosquitos", atacam continuamente a Alemanha e os centros vitais por ela ocupados. A locomotiva deste comboio bem como esta posição de artilharia, em Hengelo, Holanda, foram destruídas



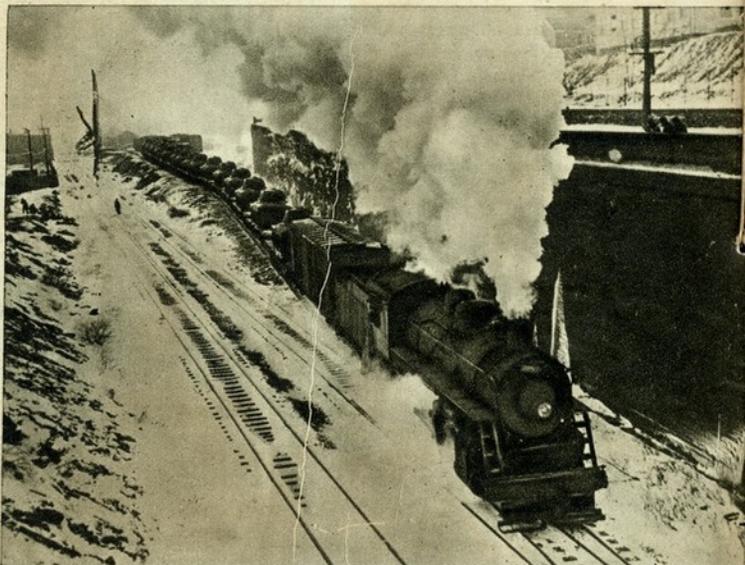
A caça aos submarinos nazis prossegue com excelentes resultados. Em poucos minutos este foi afundado, deixando à superfície do Atlântico apenas algumas gotas de óleo



Assume fantásticas proporções o material de guerra alemão que tem sido destruído ou apreendido. Este foi abandonado intacto



Logo que as tropas imperiais britânicas ocuparam o aeródromo de Castel Benito, o mais importante da Tripolitânia, os sapadores "rocegarão" as minas por este curioso processo de detecção



Material! O Canadá é um dos mais importantes arsenais das Nações Unidas. Um comboio em marcha, carregado de tanks, para costa do Atlântico

O EMBAIXADOR DE ESPANHA EM PORTUGAL

UM dos mais perfeitos diplomatas que, actualmente, exercem a sua delicada missão entre nós é, sem dúvida, o Sr. Don Nicolau Franco, Embaixador de Espanha, que, desde Maio de 1936, estabeleceu residência em Lisboa, na qualidade de agente especial junto do Governo português, passando a exercer o seu alto cargo em Junho de 1938, com as mais brilhantes demonstrações dum elevadíssimo espírito fidalgo, acentuadamente nobre, revelador duma natural e segura distinção.

Pode bem dizer-se dele: *The right man in the right place*, tão superiormente tem sabido, num elegantíssimo à-vontade — conquistar, entre nós, as simpatias não apenas dos demais membros do Corpo Diplomático como de todos quanto com êle privam.

Está no seu lugar, representando a nobilíssima e grande Espanha, de tão honrosas e gloriosas tradições.

Ao trocar umas breves palavras com o Sr. Don Nicolau Franco, numa rápida audiência que nos concedeu, para podermos transmitir as suas saudações a Portugal, por intermédio do Mundo Gráfico, o ilustre diplomata, no seu sorriso, na sua atitude cheia de elegância e na forma como se expressou, levou-nos, sem a mínima referência lhe fazer, a recordar as grandezas, glórias e horas de inconfundível epopeia que a História da Espanha regista em indeléveis páginas de ouro.

Coronel do Corpo de Engenheiros da Armada do seu país e antigo director dos estaleiros da União Naval do Levante e da Escola dos Engenheiros Navais, o ilustre embaixador é um estudioso, um cuidadoso investigador, e, como tal e porque consagra a Portugal e aos portugueses o melhor da sua amizade, conhece profundamente a nossa História e Literatura, proporcionando, a quem se lhe aproxima, encantadores momentos de prazer espiritual, através da sua erudição, exposta com clareza, facilidade e, por vezes, caloroso entusiasmo, em que ressalta, constantemente, um «charme» que prende e faz esquecer o tempo, levando-nos a prolongar a sua audiência tão gentilmente concedida, muito mais do que seria razoável.

(Continua na pág. 30)



D. NICOLAU FRANCO



Montgomery, o vencedor de Rommel, com o general Leclerc, da França Combatente, que numa façanha admirável, partindo do lago Tchad, veio reunir-se às forças do 8.º Exército



Viva Churchill! — gritam os heroicos soldados do 8.º Exército nas ruas de Tripoli, quando da parada da vitória, que ali se realizou. O aço destes canhões e a alma do primeiro ministro são, nesta hora, o símbolo do triunfo das armas britânicas



Estátua heroica. Nos terraços de Tripoli, onde agora flutua a bandeira inglesa, esta vigorosa imagem exprime significativamente, o poder do Exército imperial

1943 1918



A artilharia de montanha, numa posição dominante, bate duramente a retirada das colunas inimigas



O 8.º Exército entra em Tripoli, no meio das aclamações da população. Um aspecto curioso da capital do conquistado Império italiano



Grande parte do Exército canadiano encontra-se na Inglaterra. São dos melhores soldados do mundo. Uma metralhadora montada sobre esquis

FIGURAS E FACTOS



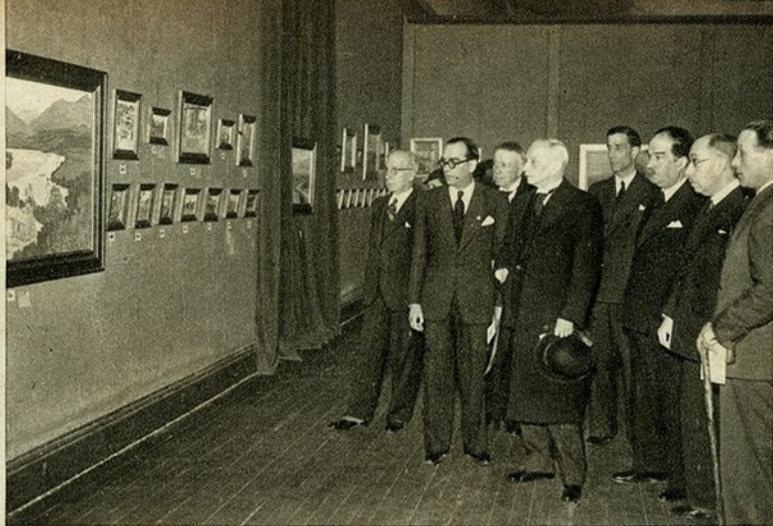
O acto da posse do sr. brigadeiro Ramires no cargo de comandante geral da G. N. R., a que presidiu o sr. ministro do Interior



A Exposição Internacional de Arte Fotográfica, na Sociedade Nacional de Belas Artes, durante a sua inauguração



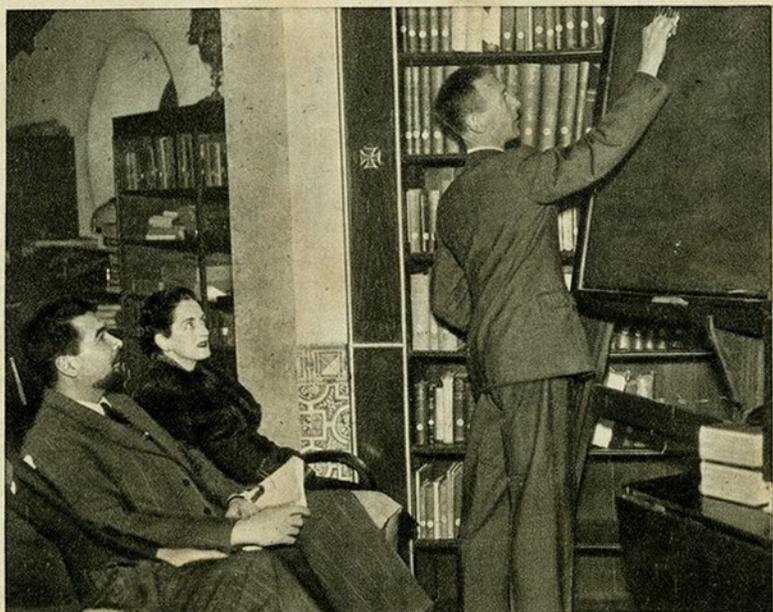
O ilustre cientista inglês sr. prof. dr. Mc. Cance, recebe os jornalistas no Club Inglês



Os srs. Presidente da República e subsecretário de Estado de Educação inaugurando a exposição póstuma do pintor Dominguez Alvarez, na S. N. B. A.



O sr. prof. dr. Amorim Ferreira pronunciando a sua notável comunicação na Academia das Ciências sobre as «relações científicas entre Portugal e a Inglaterra». Na presidência, o sr. dr. Júlio Dantas, tendo à direita os srs. embaixador da Gran-Bretanha e Joaquim Leitão; e à esquerda, os srs. prof. Moreira Junior e Pereira Forjaz



O sr. prof. dr. Mc. Cance preferindo a sua brilhante conferência no Instituto Britânico



A viagem vitoriosa de Churchill. O primeiro ministro, no aeródromo de Trípoli, abraça o general Montgomery, vencedor de Rommel



Churchill e Portal, descendo do seu avião, ao regressarem à Inglaterra

VIAGEM TRIUNFAL



O avião no qual Churchill foi de Londres a Casablanca, e depois ao Egito, Turquia, Chipre e Trípoli. Num aeródromo inglês, as bagagens do primeiro ministro, com as suas carabinas predilectas



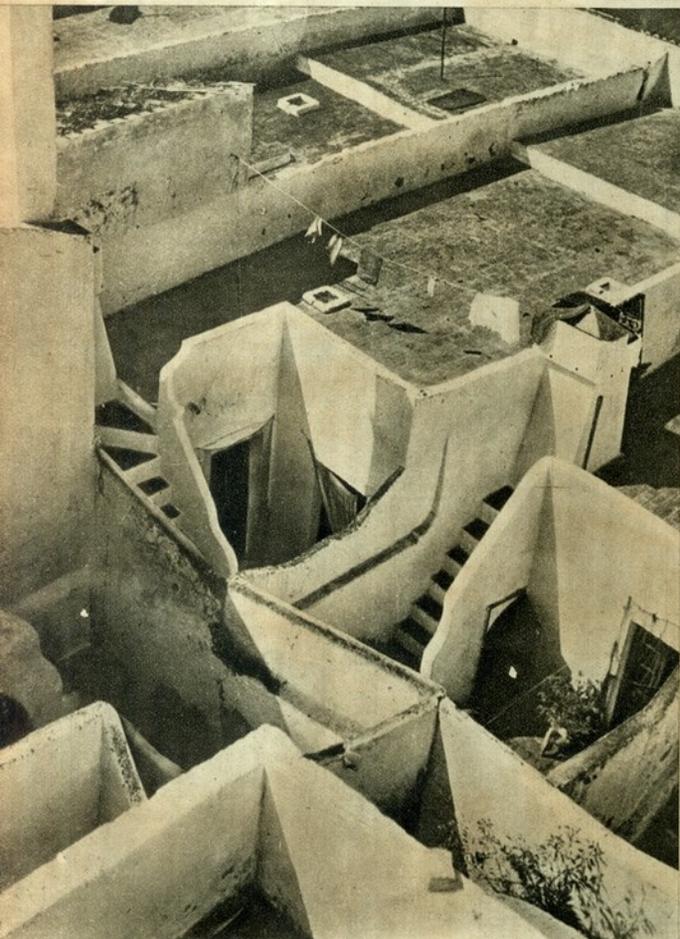
Em Trípoli, o grande ministro inglês, é aclamado, delirantemente, pelos soldados do 8.º exército. No estrado vê-se também o general Alexander



As mulheres algarvias usam nos dias de festa os trajes característicos daquela província.



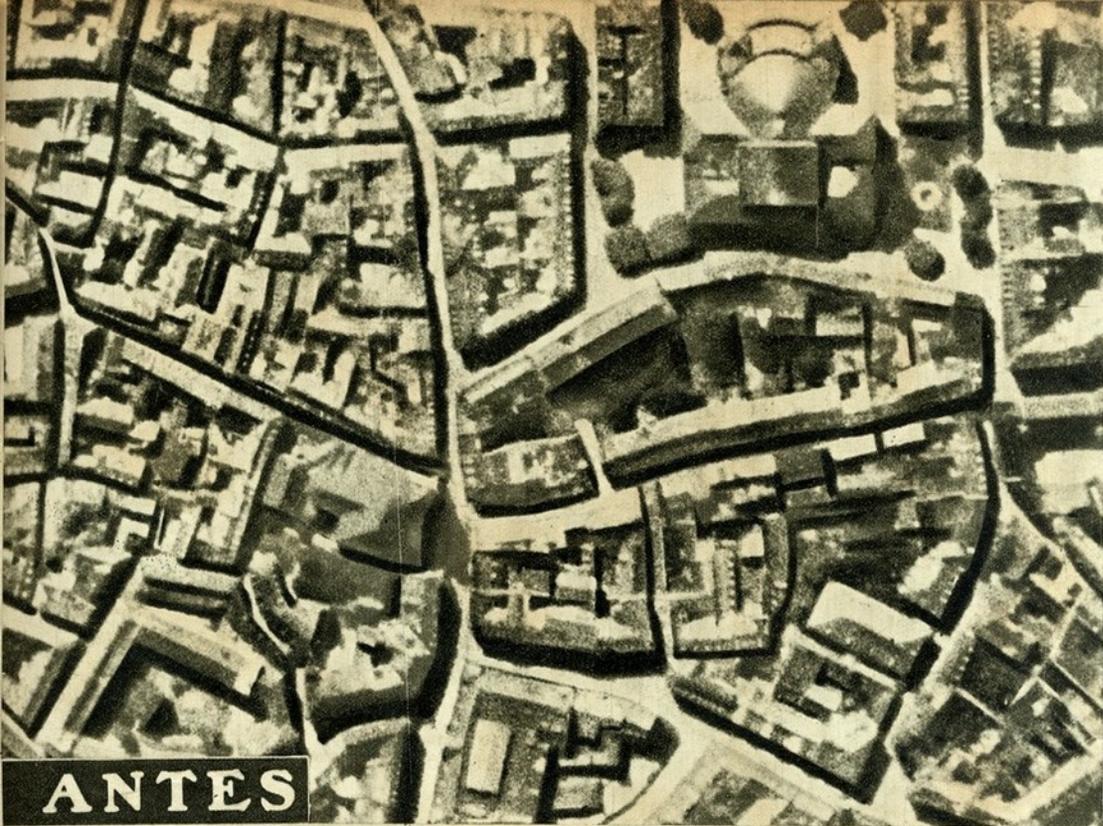
Na terra doirada, as amendoeiras em flor surgem a cada passo.



Casas cubistas duma vila à beira-mar.

ALGARVE EM FLOR

A terra em flôr — é branca e doirada. As amendoeiras, com os seus veus de gaze, parecem bailarinas de ópera, as mesmas que Degas pintava, despreendendo-se do solo, em fugitivas tangentes de coreografia artística. Encontramo-las no caminho, na sua alvura nupcial, sorrindo numa beatitude amorosa para o céu azul que, tão pródigoamente, as floriu. As abelhas zumbem naquela colmeia de neve, e há pequenas pétalas, côr de rosa, que o vento desprende, para beijar melhor as corolas pequeninas. A terra doirada e quente, como que se espreguiça ao sol, saindo da modorra letárgica do inverno. As águas cantam, mais límpidas, madeixas de cristal, que cobrem os torsos nus das montanhas alterosas. Começou a concertina das aves. Os melros, com o seu saxafone estridente, parecem acompanhar um desenho de Walt Disney, e, chegando do Egipto, das pirâmides milenárias, das areias fulvas, as primeiras andorinhas — rápidas, fulgurantes, como aviões de caça. Há rimas no céu azul do Algarve. As suas casas cubistas, de mouriscas açoteias e rendilhadas chaminés, que lembram minaretes, fulgem sob o sol glorioso, o grande mestre colorista da terra portuguesa. Um perfume cálido vem do outro lado, da Africa do Mogreb, perturbante na sua volúpia doce, embriagadora. E as amendoeiras, brancas de neve, num país encantado, escaldando os montes, subindo as estradas, no fundo dos vales, — revivem, na sua neve maravilhosa, a lenda daquela rainha, que as mandou plantar, para que os seus olhos recordassem as paisagens hiperbóreas da sua terra natal!



ANTES



DEPOIS

COMO SE DESTROU O PODER ALEMÃO

Para se avaliar o poder esmagador da R. A. F., cujas bombas de 2.000 e 4.000 quilos arrasam quarteirões inteiros, repare-se nestas duas fotografias da cidade alemã de Mainz, na zona industrial do Ruhr. Em cima, vê-se a cidade intacta com o seu cruzamento de ruas e alamedas, tendo à esquerda uma grande massa de oficinas de material de guerra; em baixo, a mesma zona citadina depois de um preciso bombardeamento dos aviões ingleses, que conquistaram a supremacia aérea na Europa



Uma cena de «A parada dos Artistas», representada por fantoches. Beatriz Costa e uma personagem que, pela cabeleira, parece d'Artagnan

TEATRO DE FANTOCHES

AUGUSTO de Santa Rita, o poeta das crianças, vai fazer um teatro de fantoches. O boneco humano, como que reivindica a sua autonomia para alegrar e educar a alma infantil. Das ruas, onde nasceu, teatro humilde na pobreza do seu tablado ambulante, o fantoche lírico subia aos palcos severos, como uma expressão de arte a que não falta sequer o conceito moral, o ridículo do preconceito e a crítica dos costumes. Dir-se-ia, que estes títeres de farrapos, com as suas vozes roufenhas, onde a estridência, por vezes, na expressão mais genuína, tem amargas lágrimas de realidade, são os verdadeiros actores da nossa época — matéria plástica, que transmite o pensamento na sua emoção mais pura, sem lhe dar outro sentido que não



No Teatro de Mestre Gil há também figuras dramáticas como esta bruxa de terrível aspecto

seja o de verdade impessoal e intemporal. O seu movimento não é arbitrário. Os fantocheiros guiam-nos com os cordelinhos, mas a acção teatral pertence-lhes. O que neles surpreende, maravilha, é a sua frescura, a sua expontidade de sentimento e de paixões. No ridículo, têm a grandeza patética dum Charlot e no drama, morrem de verdade, grotescos, realistas — porque a morte nem sempre é bela e magestosa.

Júlio foi o seu criador. Deu-lhes, não apenas, um corpo, mas uma alma. São personagens diversos, expressões psicológicas, caricaturas de defeitos, arremedos líricos, máscaras, afinal, do que o indivíduo reproduz na vida, reproduzindo-se sempre de maneira diferente.

Mas que grandes artistas estas «marionnettes» que falam como ventríloquos, e cujo destino é sempre uma rebelião contra a fatalidade dos deuses! Mexem-nos,



No reino das sombras. Os mentnos encantados pelos sortilégios infernais



Francis e Ruth, copiados pelos bonecos de trapos, com flagrante semelhança

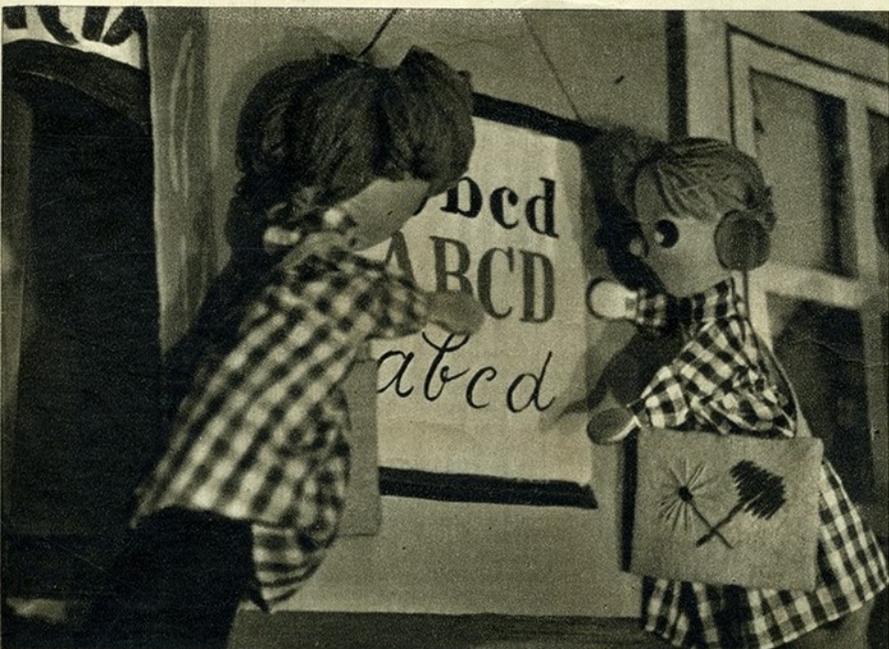
mas eles mexem-se diversamente, encontrando novas fórmulas de movimento teatral. Mostram-nos por dentro o que o palco só nos mostra por fora. Os seus trajes de oiro falso e os seus bastidores ao contrário, são reflexos da verdade humana, o que ela oculta tantas vezes no tregeito dum sorriso convencional ou numa mentira diabólica. «Tu és assim, como eu: trapo e serradura!» parecem eles dizer.

Os fantoches simbolizam as nossas ilusões — o ridículo delas na sua pobreza esvaziada de conteúdo. Há neles o quer que seja de aventura, de boémia e de quixotismo poético.

A nossa infância continua nesses pequenos vegetes de farrapos coloridos, que animam, encantam e fantasmagorizam o que de mais sensível e cândido abandonamos pela existência fora.



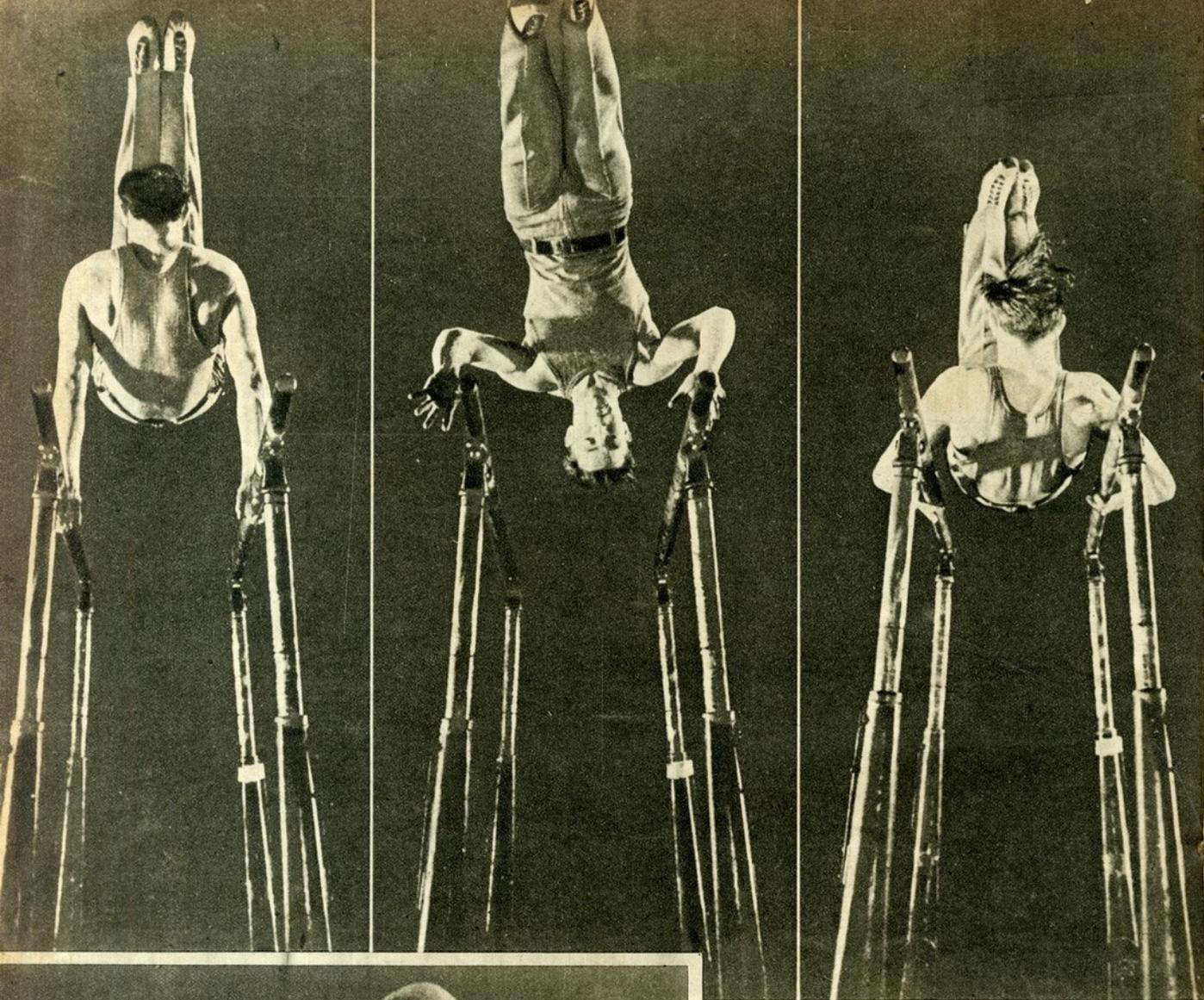
Uma imitação do actor Vilaret, o espectador gordo que, num camarote de bôca, felicita Francis e Ruth, pelo bailado do Verde Gaió



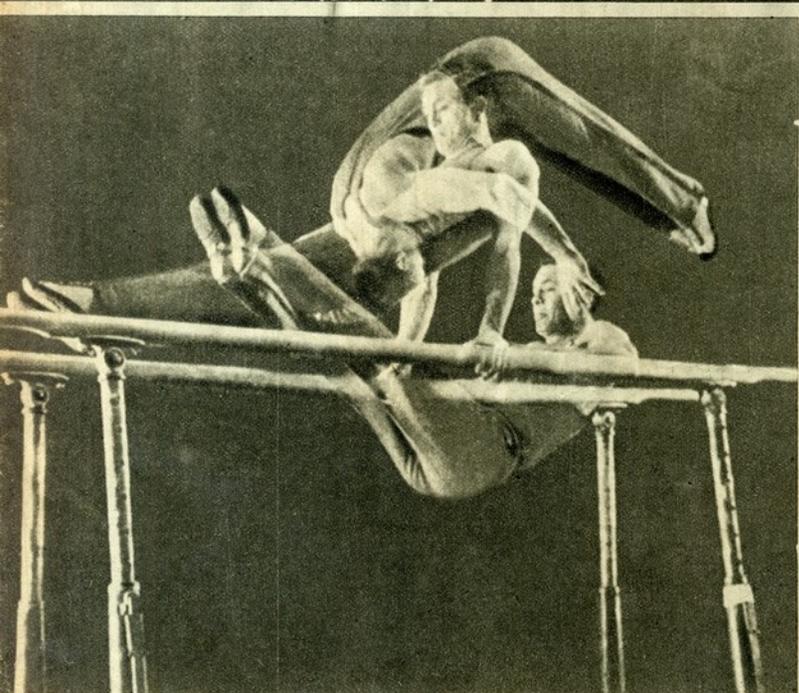
Os bonecos também aprendem a ler para ensinar aos seus espectadores pequeninos



Vilaret, um dos artistas da companhia do D. Maria II, trabalha agora no teatro dos «Robertos»



(1) movimento decomposto fotograficamente de uma rotação em barras paralelas



Um salto-mortal colhido pela objectiva em tôdas as suas fases

BAILADO DAS IMAGENS

CADA músculo é mola de aço projectando alavancas que se decompõem em inconcebíveis movimentos acrobáticos. A ginástica aplicada já não é apenas um prolongamento da cultura física, mas uma expressão de arte. Foram o cinema e a fotografia que melhor revelaram a beleza das atitudes do ginasta, que a retina não fixava, na vertigem das trajectórias. Projectados no espaço, os movimentos confundem-se em curvas de fantásticas geometrias, no turbilhão atlético do corpo em contorções de paradoxal estatuária cinemática.

No fundo negro da sala, a figura do atleta, iluminada pela luz violenta dos projectores, plasticisa-se em elásticas atitudes, moldadas pelo génio de um escultor de visão penetrantemente instantânea. Dir-se-iam aquelas estátuas efêmeras que um artista de Gog, louco e visionário, interpretava na opaca fluidez de espessos fumos, logo desfeitas e renovadas ao bafo leve e morno da aragem.

(Continua na pág. 29)



FISIONOMIAS

DE PRISIONEIROS

Soldados alemães capturados numa frente de batalha



PAGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



Dois casacos para a primavera

Vestidos de tarde

HESITAM entre duas linhas: princesa e vestido inteiro, com aba a partir da cinta.

Há também a saia com muita roda e blusa camileiro que apresenta um aspecto do século XIX, muito curioso. Vê-se ainda o corpo que desce até aos quadris, donde parte a saia miudamente franzida.

Os vestidos leves, em renda ou em seda, são sempre tratados com franzidos, pregas, drapejamentos para adquirirem o movimento que é moda.

Muito cuidado nos pormenores: ramos de ouro, flores de pérolas e lantejollas, bordados com pedras multícores, passamanaria, *ruches* de Valenciennes, motivos de *lingerie*, entremeios de renda, contas de todas as cores.

Vestidos de noite

DUAS linhas também: o *fourreau* simples e cingido e o estilo 1880. Voltam a ver-se os pequenos decotes quadrados, orlados de folhinhos, as saias compridas e volumosas, os *casaquins* de abas em forma, onduladas, e até os penteados que deliciarão as nossas avós.

Perfume de tempos passados. Maquet pintaria outra vez os mesmos quadros.

CASA QUEY

HOSIERY SPÉCIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18

Vestidos para meninas

SÃO hoje mais guarnecidos, pois animam-se com folhos, plissados, bordados e rendas.

O bolero continua a ser muito adoptado nos vestidos ligeiros. E as alças também. Os de mais cerimónia ficam bem com o espelho todo bordado, trasbordando para cima das mangas.

Os vestidos simples continuam a ser muito graciosos, havendo alguns que imitam os fatos dos camponeses: saias escocesas, acompanhadas por blusas de flanela lisa, aventais, conjuntos compostos por várias peças que se podem trocar. Côres claras darão alegre aspecto às crianças.

Vestidos de manhã

FAZEM-SE em lã fina em feitos simples, bons para a rua. Guarnecem-se com incrustações de veludo, algibeiras pespontadas, junção de malha e fazenda, grandes iniciais em tecido diferente.

Muitas vezes os casacos e até a peliça são iguais a esta *petite robe de tout aller*.



Uma blusa com lindos bordados

ONTEM E HOJE

O Médico e o doente

ARTUR Leitão, destacada figura do jornalismo do seu tempo e, também, médico proficiente, se bem que só raramente exercesse a clínica, contou-nos, poucos dias antes da sua morte, este episódio:

Até por 1911 o ilustre jornalista foi nomeado director do hospital da Beira. Ora, naquela cidade da África Oriental, vivia à época um senhor, poderoso e rico, que lhe deu para embriar com Artur Leitão.

Um dia, porém, o homem adoeceu gravemente.

Consultou vários médicos sem, no entanto, haver obtido desejadas melhoras.

Os dias decorriam e o mal a pior. Então, alguém da sua intimidade, aconselhou-o a que mandasse chamar o dr. Artur Leitão — o director do hospital.

— Que não! Que Deus o livrasse de tal médico!

Sensatamente alguém lhe observou que ele tratava amigos e inimigos com a mesma proficiência.

— Por coisa alguma deste mundo — teimava o enfêrmo.

Em face, porém, dos seus males, acabou por aceitar a assistência do dr. Artur Leitão que, aliás, tratou do caso clínico com todos os cuidados requeridos.

Decorreu um longo período. Por fim, curou-se.

A sua robusta saúde readquirida permitia-lhe já discussões sobre as individualidades locais, incluindo, mesmo, o clínico que tão carinhosamente o atendera.

Uma tarde, passava Artur Leitão por uma rua da Beira onde havia um estabelecimento a cuja porta era costume o referido doente perorar.

Notando a aproximação do médico, vai ao seu encontro e diz-lhe:

— Como lhe estou grato... Eu devo-lhe a vida, doutor!...

Imediatamente, Artur Leitão retorquiu-lhe:

— O sr. não me deve a vida... O sr. deve-me as consultas — que ainda não me pagou.

SINFONIA

Meu coração, na incerta adolescência, ou-
trôra,
velrava e sorria aos raios matutinos,
Num prelúdio incolor, como o alegre da
aurora,
Em sistrs e clarins, em pífanos e sinos.

Meu coração, depois, pela estrada sonora
Colhia a cada passo os amores e os hinos,
É ia de beijo a beijo, em lasciva demora,
Num voluptuoso adágio em harpas e vio-
linos.

Hoje, meu coração num scherzo de ansias,
tarde
Em flautas e oboés, na inquietação da
tarde,
É entre esperanças foge e entre saudades
terra...

É, heróico, estalará num final, nos clamores
Dos arcos, dos metais, das cordas, dos
lambores,
Para glorificar tudo que amou na terra!

OLAVO BILAC

FIALHO E A SUA CRÍTICA



FIALHO de Almeida, vibrante e irreverente, o maior colorista da arte de prosar, foi o mais multiforme dos nossos escritores: *novelista incomparável na «Ruiva»; cronista inconfundível nos «Ceifeiros»; repórter no «Entérro de D. Luis»; comentador de casos de rua, como de eventos mundiais; crítico de arte, de feitos, de homens e de costumes, tudo a sua pena, brilhante e livre, comentou.*

Há quem insinue que Fialho nem sempre foi justo em seus juízos críticos.

Não é aqui lugar para afirmar ou negar opiniões divulgadas; sabido que sobre críticos todos se julgam no legítimo direito de criticar.

O que, todavia, não nos parece fácil de destruir é a graça que Fialho pôs sempre nos seus comentários.

Não resistimos a transcrever esta «boutade» que a-propósito de pintura êle escreveu.

De um falecido pintor que expunha uma tela intitulada «Pastor do Alto Alentejo», aconselhava a que lhe chamasse «Pastor alto do Alentejo», «atenta a sua desmedida corpulência, verdadeiramente a de um S. Cristóvam, dos taludos».

Podem pessoas dadas a conformismos achar a nótula desprezível. Devemos, contudo, convir que a evocação do espírito fialhesco, nos dá hoje, pela audácia da sua sinceridade, certo reconforto de espírito.

A mordacidade do grande escritor era tão cruel como repentina. Às vezes bastava-lhe uma frase para demolir uma reputação artística. As suas «blagues», que fazia às mãos do Martinho, ficaram célebres. Temiam-lhe a língua acerada, e aquela visão instintiva, que o fazia sempre encontrar a frase justa de suprema violência. Um dia, à saída duma exposição de pintura, que êle achava horrível, alguém lhe perguntou, talvez para adoçar o seu mau humor:

— Então, que tal?

— Por menos do que isto, tem morrido muita gente de congestão cerebral!

E seguiu, de bengala em riste, contente de ter lavado uma sentença que dali a pouco correria, entre os círculos de arte e cenáculos literários, provocando a hilaridade mais desabusada.

Poetices...

JÁ nos parece da lenda aquele tempo em que os poetas, instalados em sórdidas e águas-furtadas nos descreviam maravilhosos ambientes e fantásticas paisagens.

Pedrarías, visões versicolores de arquidess, vasos etruscos, mármoreos de Fídias, tudo isso os poetas «viam» através dos modelos desconjuntados do catre, da cadeira manca e do chão enodado dos miseros cubículos que habitavam num quinto andar, e que os colocava mais próximo do céu — como diziam.

Davam largas à imaginação, fantasiando, no meio da mais cruel realidade, um sonho que tocava as estrelas distantes.

Hoje ainda há quem, por sestro poético, ou necessidade literária, nos descreva a brancura imaculada da neve sem nunca a ter visto, como é vulgar traduzir, por literatice, os tórridos colores equatoriais, pessoas que nunca foram slém da frescura da praia da Cruz Quebrada em tardes outoníças.

Não sabemos se já passou de moda a ambição tanto tempo acalentada pelos poetas ricos que não se cansavam de proclamar em verso que desejaríamos ser apenas humildes cavadores!...

Se, porém, não conseguiram tal desígnio é porque as suas limitadas aspirações ainda não chegaram aos desheraldos da terra. De contrário, êstes, decerto, já teriam feito a troca.

Isto é: êsses poetas iriam cavar e os cavadores abandonariam de bom grado a pobreza das suas choupanas e iriam habitar as salas melancólicas dos versejadores insatisfeitos.

Augusto Ricardo

Pessoas e costumes

HÁ melindres pessoas que apenas são o reflexo de quem os sente. Exagêro? Não. Querem um exemplo? Se, porventura, determinada referência, quantas vezes feita na maior despreocupação literária, não é francamente elogiativa, é certo que uma, duas, diversas pessoas, comentem de si para si: «é comigo!»

Pois não é. Como, também, nem sempre se referem aos «suspeitos» as alusões atribuídas a indivíduos de normas rígidas e de virtudes desusadas.

Que bom seria que todas as pessoas tivessem sempre na memória êstes dois versos de Tolentino:

*Tu dás golpes nos costumes,
e cuidam que é nas pessoas.*

Shakespeare

EM Portugal, entre outros, traduziram o teatro de Shakespeare, o rei D. Luís, Bulhão Pato, José António de Freitas, Feliciano de Castilho, Rebelo da Silva, Silva Leal, Coelho de Carvalho e Júlio Dantas.



MANSARDA FLORIDA

Um vaso de mangerico, um gato e uma donzela — três motivos de inspiração lírica

A TIA ERNESTINA

NOVELA

DE GUEDES DE AMORIM

ERNESTINA não passava de ser uma criada a mais em casa de sua própria irmã. Levantava-se primeiro do que as duas servas e deitava-se de madrugada, frequentes vezes, quando qualquer dos seus sobrinhos, seduzido pela boemia, regressava a casa mais tarde. Trabalhava em silêncio. De manhã até a noite, correndo salas, atravessando corredores, ou sentando-se a um canto, na cozinha, a fazer o que fosse preciso, raro pronunciava uma palavra. O que apenas se lhe ouvia dizer frequentemente era isto: «Vou já...» A Geneveva, a irmã, certamente por ter mais confiança nos seus serviços do que nos das criadas, chama-a a todos os momentos. «Vou já, Geneveva...» dizia Ernestina. As sobrinhas, logo de manhã, e pelo dia adiante, reclamavam a sua presença por tudo e por nada: «tia Ernestina, não sei onde está o meu pó de arroz...» A pobre apressava-se a responder: «Vou já, meninas. Eu vou já ver isso». Os sobrinhos, dois rapazes quasi no fim dos seus cursos universitários, exigiam também a tia Ernestina para isto e aquilo, mandando-lhe passar as calças e as gravatas, e, às vezes até, exigindo-lhe que lhes engraxasse os sapatos. O cunhado, o juiz Melo, era quem a tratava com mais deferência, mas, mesmo assim, com modos bem diferentes dos que usava noutros tempos...

Noutros tempos, Ernestina havia sido muito rica. Casara, por amor, com um brasileiro de torna viagem, dono de importantes casas comerciais no Rio de Janeiro. A irmã Geneveva, com a mania das grandezas e dos títulos, apaixonada pelo dr. Melo, desdenhava de Ernestina e, sempre que se lhe referia ao marido, fazia-o com ironia; «Então, como vai o teu pé de chumbo?» Não fazia caso. A irmã, frívola, vaidosa, e porque era pobre, queria que a riqueza lhe viesse parar às mãos através dum bacharel.

Quatro anos depois de casada, Ernestina enviuvara. A conselho do cunhado fizera uma viagem ao Brasil e confiara a administração dos avultados haveres, de que ficava herdeira, a um procurador, velho e dedicado amigo da esposa. Uma vez regressada Portugal, vendo-se sem filhos, decidiu consagrar-se aos sobrinhos. A Geneveva tinha casado com um bacharel, mas a sorte não lhe sorria. O que dr. Melo ganhava era escasso para as despesas da casa. Para mais, os filhos vieram-lhe uns atrás dos outros, e, no espaço de seis anos, contou número igual de herdeiros. Tinha só uma criada, que para mais lhe não chegava o orçamento caseiro. O dr. Melo trabalhava muito, muito, na volta do tribunal ocupava-se ainda, durante horas, a traduzir romances para uma editorial, que pouco lhe dava. Os auxílios da tia Ernestina caíram como milagres palpáveis na cara do magistrado. Geneveva dizia para os filhos: «A vossa tia é uma santa! Rezaí a Deus para que a guarde e lhe dê saúde.» E, ali, onde a miséria tinha cravado garras fundas, principiou a haver luxo e abundância. Lá da sua casa da aldeia, onde ficava amarrada à viuvez, e de onde ficava amarrada à sua viuvez, e de onde saía apenas duas vezes por mês, para ouvir missas por alma do defunto, Ernestina mandava frequentemente avultadas importâncias e, de quando em quando, presentes: carne, batatas, cereais e hortaliças.

Pelo Natal, a reiterado convite da irmã, Ernestina visitava a cidade para passar a festa natalícia com a família. Recebiam-na carinhosamente. Iam esperá-la à estação e, durante a sua permanência, tratavam-na com todos os mimos e atenções.

Na noite de consoada, o dr. Melo saía da sua inflexível gravidade, e levantando a taça de loiro champanhe, fazia um breve discurso a exaltar as almas formosas, terminando por dizer sempre que a Ernestina era a personificação da bondade. Geneveva chorava, comovida. Os filhos faziam o mesmo. E, até a própria Ernestina, comovida com as palavras do cunhado e as lágrimas da irmã e dos sobrinhos, sentia os olhos humedecerem-se-lhe de pranto.

Eram todos muito seus amigos e tratavam-na nas palminhas. Veio, porém, um dia em que o destino, vesgo e traçoceiro, quis que tudo mudasse. Ernestina recebeu do Rio de Janeiro a informação de que o procurador lhe havia usurpado toda a fortuna, fugindo para parte incerta. Resignou-se. A sua casa da província, com a quinta que lhe ficava à volta, chegavam-lhe para viver com decência. Bem pouco tem-lhe durou tal ilusão, contudo. O meliante do procurador, levando longe o seu furto, imitara-lhe a assinatura — e Ernestina viu-se forçada a desfazer-se do que lhe restava para liquidar compromissos de que não tinha conhecimento e que nada lhe aproveitaram.

Certa noite, segurando uma maleta, apareceu à porta da irmã, replicando protecção e auxílio:

— Estou pobre, Geneveva.

— Estás pobre?

O dr. Melo apareceu, hierático e magnânimo, declarando:

— A nossa casa é sua, cunhada...

QUANDO Ernestina reconheceu que a irmã e os sobrinhos, com certa cautela, mas impertinentemente, a iam transformando pouco a pouco em criada, não se manifestou nem deixou de dos seus lábios fluírem sequer um protesto. Não era favor que lhe dessem de comer e um canto para dormir? Era, por conseguinte, legítimo lhe parecer que a aproveitassem para um outro serviço. Pouco podia fazer, de resto... Envelhecida pela idade, contando já para cima de cinqüenta, e envelhecida também pelo desgosto de se ver tão despendida na miséria. Arrastava-se com dificuldade, as mãos já lhe tremiam muito, a vista começava a fugir-lhe...

— Então, Ernestina, não te mexes? — interrogava Geneveva, quando lhe pedia qualquer coisa que tardava a chegar.

— Já vou... Já vou...



You já, meninas. Eu vou já ver isso...

Era uma sombra, mais do que uma sombra, silenciosa.

Não a ocupavam só em serviços de casa. Muitas vezes, mandavam-na também à rua, buscar coisas do mercearia ou da retiro. A irmã tratava-a cada vez com maior autoridade. Os sobrinhos, mais generosos e, porventura, ainda recordados das largas liberalidades da boa tia Ernestina, noutros tempos, eram mais condescendentes para ela, e, por vezes, tornavam-na até confidente dos seus sonhos e levandades. O dr. Melo, sempre ativo e muito fechado, raro lhe dirigia a palavra. A sua vida corria-lhe agora maravilhosamente. O seu lugar de juiz dava-lhe excelente ordenado. Os filhos tinham tudo quanto queriam, éle próprio e a mulher viviam como desejavam. O passado ia longe, e, por isso, nem éle nem a mulher se recordavam já dos largos e generosos auxílios de Ernestina.

UMA tarde, logo depois do meio-dia, as sobrinhas pediram à tia Ernestina que chegasse à perfumaria, depressinha, buscar-lhes «batons» e pós de arroz. Estavam convidadas para assistir, essa noite, a um baile diplomático. Ferviam de alegre impaciência. Estrearam bonitas e caras «toilettes». Queriam ir muito bem pintadas...

A tia Ernestina partiu imediatamente. Porém, as horas passaram, passaram, sem que ela aparecesse.

— Que teria sucedido à tia Ernestina?

(Continua na pág. 30)

A grande vitória de Guadalcanal

(Continuação da pág. 8)

dições do clima eram obstáculos que só dificilmente poderiam ser vencidos. Os americanos souberam superá-los, com bravura exemplar.

Depois de se terem apoderado do famoso aerodromo de Henderson, os americanos travaram uma luta terrível em terra com os japoneses, num clima tropical, e acabaram por lhes infligir uma derrota completa. As perdas nipônicas aparecem assim resumidas: 50.000 homens mortos, feridos ou prisioneiros; 800 aviões abatidos; 166 navios afundados. Estes números, referidos no prazo relativamente curto dum semestre, dão ideia da intensidade da luta travada numa superfície relativamente pequena.

A permanência das suas tropas no arquipélago de Salomão era absolutamente necessária à execução dos planos do estado maior nipônico. Abandonando essa posição essencial, os japoneses não só perderam

a possibilidade de atacar a rota dos abastecimentos da Austrália, mas deixaram cair o seu bastião defensivo mais importante.

A ofensiva das Nações Unidas no Pacífico é agora alguma coisa mais do que uma possibilidade distante.

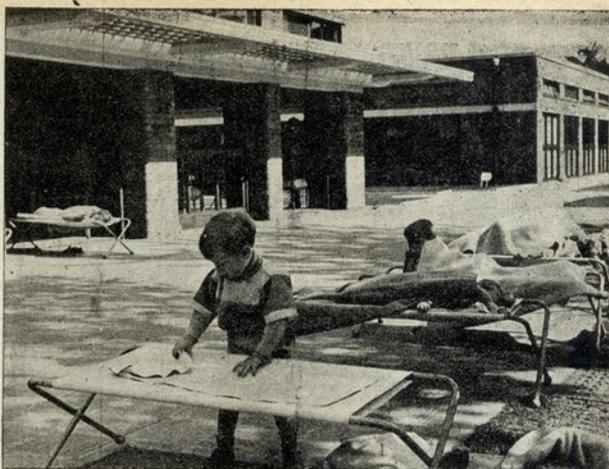
E' uma realidade imediata a que vieram dar consistência de conferências realizadas no Oriente em seguimento ao histórico encontro de Casablanca. Liquidando o episódio dramático de Guadalcanal, o general Mac Arthur consagrou-se como um dos maiores chefes militares desta guerra.

Bailado das Imagens

(Continuação da pág. 24)

A película fotográfica atingiu sensibilidades instantâneas nunca igualadas, permitindo registar, fase por fase, o movimento do atleta nos mais complexos exercícios da sua fantasia de acrobata.

Quando a retina só conseguia fixar os limites das trajectórias, o fotógrafo apresenta-nos, ponto por ponto, em infinitesimais quantidades de tempo, como equação matemática que define, abscissa por abscissa, ordenada por ordenada, toda a evolução de uma curva.



A hora de repouso, numa das creches próximas de uma zona industrial. Edifícios modernos e confortáveis

ASSIM VIVEM AS CRIANÇAS INGLÊSAS

(Continuação da pág. 2)

Briton e de seus filhos. Digamos, pois, alguma coisa dessa jovem mãe inglesa, de Margaret e de John.

Mrs. Briton trabalha numa grande fábrica de bombas — que seu marido, piloto de um «Wellington», lança sobre a Alemanha. Todas as manhãs, às 8 horas, Mrs. Briton leva os seus filhos para a creche, onde passarão o dia vigiados por pessoal carinhoso e competente. A instituição está instalada num local arejado, e tem numerosas janelas. Tem um solário onde estão alinhadas pequeninas camas, de maneira que os pequerruchos possam gosar o sol e o ar puro. Há duas enormes salas: uma, para os «bêbês» com menos de dois anos; a outra para os que têm de três a cinco anos. Além disso, uma sala para o pessoal, outra, de metucioso aceso, onde as crianças tomam banho, uma cozinha magnífica e uma enfermaria para os doentes.

A creche é dirigida pela chamada enfermeira-chefe, secundada por três enfermeiras diplomadas, por uma professora e por duas enfermeiras — adjuntas voluntárias.

As crianças têm três refeições diárias, além de meio litro de leite, pelo menos, óleo de fígado de bacalhau e extractos de malte.

O leite e os alimentos são conservados em frigoríficos.

O dia é preenchido com o recreio, as refeições, o sono e o estudo. As mais pequeninas dormem uma ou duas horas de manhã e de tarde. Durante esse tempo, as mais velhas recebem as suas lições. O dia passa rapidamente e, às seis da tarde, as crianças estão prontas a voltar para casa. Mrs. Briton vai ali buscar Margaret e John quando regressa da fábrica: não são crianças

enervadas, irrequietas, pedindo comida... São dois graciosos bimbos, espertos, bem tratados, bem alimentados e contentes.

Tal é a história de milhares de mães inglesas e de seus filhos. Aos milhares de creches que funcionam já em toda a Gran-Bretanha, outras se juntarão numa grandiosa obra social de tempo de guerra que dará os seus melhores frutos quando a paz iluminar o mundo.



Muita luz — e muita água. A higiene das crianças é cuidadosamente vigiada

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas | Comerciais
| Portáteis
| Somar
| Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º
 telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
 Telefone: 1 276

NEOGRAVURA LIMITADA

A ÚNICA OFICINA PORTUGUESA DE ROTOGRAVURA E ONDE SE IMPRIME O «MUNDO GRÁFICO»

OFICINAS S Trav. da Oliveira (à Estrêla), 4-10
AGÊNCIA GERAL Rua Nova da Almada, 53-2.º
LISBOA

NA FRENTE LESTE

por CARLOS FERRÃO

DURANTE a última quinzena acelerou-se o ritmo das operações na frente leste; a linha da frente russa deslocou-se em condições de fazer prever, para breve, novos movimentos de larga recuperação territorial a acrescentar aos já realizados. Como acontecera na semana anterior os sectores da frente que no leste da Europa se estende entre o Mar Branco e o Mar Negro situado ao norte da capital soviética mantiveram-se relativamente calmos, excepção feita da região compreendida entre o Volchov e o lago Ládoga, onde os russos estão também atacando.

Ao sul de Moscovo, pode dizer-se que a linha da frente se deslocou no sentido do curso do Dnieper. Sob o ponto de vista territorial esta deslocação traduziu-se pela reconquista de uma parte importante da bacia do Donetz e da Ucrânia. A linha das grandes posições fortificadas foi ultrapassada em diversos pontos, tendo sido algumas dessas posições reconquistadas. Kursk, Rostov e Karkov passaram às mãos dos russos e este facto não pode deixar de influir na evolução próxima da campanha. O Cáucaso foi igualmente libertado. Resta, apenas, na mão dos alemães uma estreitíssima facha marítima entre Novorossisk e o estreito de Kertch, que está sendo reduzida.

Um técnico militar suíço escrevia recentemente que os êxitos ultimamente registados pelos russos são consequência, entre outros factores, do emprego, em larga escala, de novos métodos de guerra e de uma técnica inesperada. Esses êxitos seriam, segundo a opinião desse técnico, consequência de uma nova arte de combinar as diversas armas e as diversas operações para a realização de um objectivo previamente determinado. Os comunicados alemães referem-se, com frequência, à superioridade do adversário em homens e em material, quando descrevem a evolução das operações em determinados sectores. Desde a batalha de Estalinegrado que esta tendência se vem afirmando de maneira crescente o que significa, claramente, que o ímpeto da ofensiva soviética não mostrou durante as últimas semanas qualquer tendência para abrandar.

O crítico militar a cujas opiniões nos reportamos alude ainda à superioridade da artilharia soviética. Essa superioridade, afirma, tornou-se, a partir de determinado momento, um factor decisivo. Os canhões russos deslocam-se, com rapidêz de um ponto para outro, e os oficiais de artilharia russos aprenderam a conhecer a medida justa entre o uso imoderado e nem sempre eficaz dos seus canhões e uma prudência de meio. «A utilização de uma artilharia superior, diz o crítico militar cujas opiniões resumimos, é o segredo da rápida liquidação das posições alemãs fortificadas que durante o inverno passado puderam suportar o ímpeto dos contra-ataques russos».

É difícil prever o traçado de uma nova linha de batalha. Continuam a manifestar-se as opiniões mais divergentes. Mas pode muito bem ser que a batalha prossiga para além do Dnieper.

O EMBAIXADOR DE ESPANHA EM PORTUGAL

(Continuação da pág. 15)

Nesta série de pequenas «causeries» com diplomatas com que nos propuzemos ilustrar as colunas do Mundo Gráfico, o Sr. Don Nicolau Franco, ditinto embaixador da Espanha, escolhido, em hora de feliz inspiração, para esse alto cargo, por seu irmão, o Generalíssimo Franco, permitiu-nos avivar a certeza dos inquebrantáveis laços de amizade que unem estreitamente Portugal e a Espanha, e que o seu representante, num elevadíssimo sentido político, tem sabido firmar cada vez mais, por forma a bem merecer a justa estima de que goza entre nós.

Ao retirarmo-nos do palácio de Palhavã, onde tivemos o mais fidalgo acolhimento, não nos foi possível resistir à tentação de comentar, muito intimamente, que a Espanha possui grandes vultos na diplomacia e se, em Londres, está, notavelmente, representada pelo Duque de Alba, que é também duque de Berwick, não deixa de ter em Lisboa alguém que a todos os títulos é também um grande nome na diplomacia do país visinho.

S. Saboya

A Tia Ernestina (Cont. da pág. 28)

As raparigas, febris e inquietas, corriam a casa, debruçavam-se nas janelas, à espera da velha. Geneveva, um pouco aborrecida com a demora da irmã, terminou por mandar uma criada procurá-la. A moça reapareceu, meia hora mais tarde, dizendo não ter visto nem sabido da prolecta senhora.

— Que teria sucedido? E o nosso «báton»? Como nos havemos de pintar?

As jovens desesperavam-se. Decidiram mandar uma das servas comprar outros elementos de «maquillage». Depois, quando voltasse, a tia explicaria a sua demora.

A noite, quando chegou para jantar, o dr. Melo, apresentou à mulher um jornal, que havia comprado na rua minutos antes, apontando-lhe a gravura que se via no meio da notícia dum atropelamento.

— E' a minha irmã? E' a Ernestina! — gritou Geneveva.

— Fala baixo... — pediu-lhe o marido. — Ninguém sabe... A notícia não cita o nome da Ernestina, porque o jornalista não o sabia.

— Mas, precisamos de ir já identificá-la!

— Não — declarou o dr. Melo, com severidade. — Amanhã, teremos tempo de fazer isso.

— Mas não te percebo... — disse Geneveva, num genido.

— Nem tens que perceber. As pequenas que se arranjam para o baile diplomático. Amanhã, então, veremos o destino a dar ao cadáver da tua irmã...

À noite tudo dorme em si:



o coração, o espirito, a vida... Mas a pele do seu rosto permanece acordada trabalhando silenciosamente para a sua incessante perfeição, graças ao

CREME NIVEA

que continua a exercer sobre ela a sua influencia salvadora em quanto se está entregue às doçuras do sono...

PREÇO DESDE 6\$00

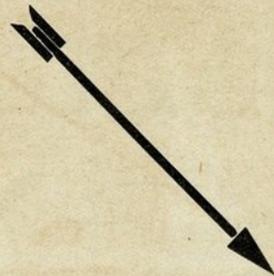


Depositarior: Pestano, Branco & Fernandes, Ltda., 39, Rua Sapateiros, 1º, Lisboa

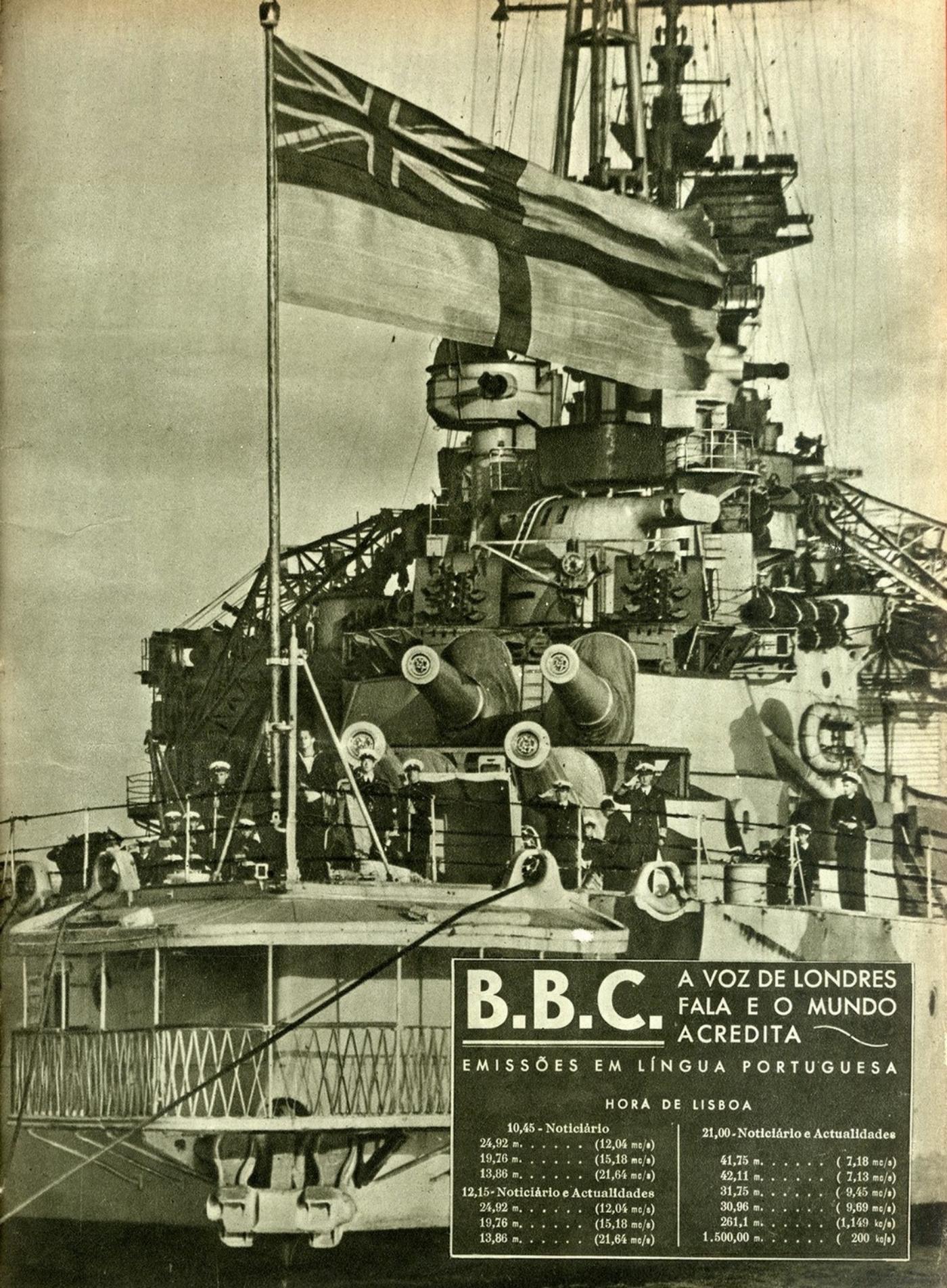
CREME DENTÍFRICO

DENTOSAN

SIGNIFICA
DENTES SÃOS



Laboratórios Dentosan
Campo 28 de Mato, 189 — LISBOA



B.B.C. A VOZ DE LONDRES FALA E O MUNDO ACREDITA

EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

HORA DE LISBOA

10,45 - Noticiário

24,92 m. (12,04 mc/s)
19,76 m. (15,18 mc/s)
13,86 m. (21,64 mc/s)

12,15 - Noticiário e Actualidades

24,92 m. (12,04 mc/s)
19,76 m. (15,18 mc/s)
13,86 m. (21,64 mc/s)

21,00 - Noticiário e Actualidades

41,75 m. (7,18 mc/s)
42,11 m. (7,13 mc/s)
31,75 m. (9,45 mc/s)
30,96 m. (9,69 mc/s)
261,1 m. (1,149 kc/s)
1.500,00 m. (200 kc/s)

MUNDO GRÁFICO



Eis os heróis
da aviação
inglês
que afundam
no Atlântico
os submarinos
alemães